

AS QUATRO DISCIPLINAS



ANTECEDENTES

Desde a antiguidade, existiram procedimentos capazes de levar as pessoas a estados de consciência excepcionais, nos quais se justapunham maior amplitude e inspiração mental com o entorpecimento das faculdades habituais. Aqueles estados alterados apresentaram similitudes com o sonho, a embriaguez, algumas intoxicações e a demência. Frequentemente, a produção de tais anomalias foi associada com “entidades” pessoais ou animais, ou com “forças” naturais que se manifestavam, precisamente, nessas paisagens mentais especiais. À medida que se começou a compreender a importância daqueles fenômenos, foram se depurando explicações e técnicas, com a intenção de dar direção a processos que, a princípio, estavam fora de controle. Já em épocas históricas, nas distintas culturas (e com frequência à sombra das religiões), foram desenvolvidas escolas místicas que foram ensaiando suas vias de acesso ao Profundo. Ainda hoje, na cultura material, nos mitos, lendas e produções literárias, podem ser apreciados fragmentos de concepções e práticas grupais e individuais muito avançadas para as épocas em que essas pessoas viveram.¹

PREPARAÇÃO

Os ofícios preparam para entrar no trabalho das Disciplinas. Um ofício ensina a proporcionar internamente, a fazer equilibradamente. Vai sendo adquirida proporção interna, graças a esse trabalho externo, enquanto aparecem problemas de exatidão e de detalhe. Há um tom que associa estados internos com operações externas. Uma Disciplina, ao contrário, mostra um caminho de transformação interna. Nos ofícios, trabalha-se tratando de alcançar pulcritude, proporção e ordem,

¹ Ao profundo chegou-se pelo lado das anomalias e também intencionando outros estados, como aconteceu com algumas religiões que tiveram lapsos de inspiração. Conseguiram tomar contato com o Profundo e, às vezes, sem a ação de agentes externos que não podiam controlar, como a ação das drogas. Restos das buscas ao Profundo temos na Alquimia e em algumas práticas sustentadas pelo budismo que, pelo que sabemos, mostram um processo intenso – busca-se a transformação pessoal através de uma via mental. Encontramos também restos de práticas profundas do tipo energético nos cultos dionisiacos, que foram abolidos pelo Cristianismo triunfante (ainda que isso não seja totalmente certo, porque o dionisismo brigou muito com o estabelecido e, portanto, foi também perseguido na antiga Grécia). Se damos um salto, encontramos-nos na Índia com os shivaístas, que não têm a ver com o dionisismo e, no entanto, têm linhas de experiências similares. Quando surgem as mesmas coisas em distintos lugares, os antropólogos creem que esses descobrimentos e pautas culturais foram deslocados de um lugar para outro. A realidade é que, em distintas culturas, pode-se ter chegado a registros similares. Essa simultaneidade de registros sem influência direta de uns em outros se explica por contato com certas faixas comuns do Profundo, registro que se traduz em imagens similares.

ao mesmo tempo em que se vai alcançando permanência.² Nas Disciplinas, realiza-se um processo interno de transformação, não de pulcritude, proporção ou ordem interna. O trabalho Disciplinário é calmo e se propõe sem prazo fixo, tratando-se de um caminho que se percorre durante toda a vida.

Para entrar nas Disciplinas, deve-se chegar a penetrar a linguagem das mesmas. Esse é um ponto importante. Não se pode entrar em tema sem uma localização mental próxima à que deu lugar ao desenvolvimento dessas atividades. Não se pode penetrar nos mundos da poesia ou da mística trasladando linguagens ou dando explicações que não correspondem às experiências próprias daqueles.

Quando falamos da Disciplina Material, trabalhamos os objetos externos e a matéria do próprio corpo, tratando de desestabilizá-los.³ Quando falamos da Disciplina Energética, referimo-nos à energia psicofísica: sua geração, deslocamento e transformação. Quando falamos da Disciplina Mental, referimo-nos ao trabalho com os distintos atos mentais que se referem a objetos mentais. Quando falamos da Disciplina Formal, referimo-nos ao processo das formas, trabalhando em sua formação e transformação no interior do operador.

AS DISCIPLINAS

As vias que hoje conhecemos se apóiam nos descobrimentos realizados por diferentes povos em um lapso não maior que sete mil anos. É tal a diversidade de fontes fragmentárias que não se pode pretender abarcar todo o conhecimento e a prática de acesso ao Profundo. Nossas Quatro Disciplinas trabalham com a manipulação de objetos materiais externos (D. Material), com a energia psicofísica (D. Energética),⁴ com os objetos mentais (D. Mental) e com as formas mentais (D. Morfológica). Fica claro que essas Disciplinas não esgotam outras possíveis vias.⁵

A Disciplina Material se baseia nos trabalhos de taoístas e budistas chineses, assim como de babilônios, alexandrinos, bizantinos, árabes e ocidentais. Esse conjunto de trabalhos em sua contínua transformação e deformação foi conhecido com o nome de “Alquimia”. Para fins do século XVIII, a Alquimia havia declinado irremediavelmente, passando muitos de seus descobrimentos, procedimentos e instrumental às mãos da Química nascente.

² Aprende-se a trabalhar equilibradamente e esses ofícios podem ter distintas temáticas, podem ser materiais, plásticos ou perfumaria, etc. Têm suas regras de trabalho, seus macetes e segredos de Ofício. O único que temos trabalhado é cerâmica, metais e, por último, os vidros. É uma faixa de trabalho que tem a ver com os fornos, referida a substâncias que se transformam. É diferente da perfumaria, em que os fogos são escassos. Só se usa fogo quando se preparam essências e perfumes por meio da destilação. Mas, em toda a perfumaria, exceto na sintética, o fogo não participa. Nos Ofícios que conhecemos mais de perto há fogos. Nas cerâmicas, o fogo é essencial. De qualquer maneira, é um trabalho interessante esse ofício material e também o prolegômeno sobre isso, o trabalho sobre o fogo, que nos permite reproduzir como se originou e como se produziu. Ele foi inventado muito depois de que se aprendeu a conservá-lo. Não se tratava de roubar e conservar o fogo, mas de produzi-lo. Trabalhamos as distintas formas de conservação, mas é a produção a que requer mais pulcritude. Se um cidadão tenta produzir fogo agora, não vai ser fácil. O trabalho com o fogo e com os fornos é importante. O tema dos ofícios é muito amplo e nós estamos no início disso. Vai sendo adquirida proporção interna graças a esse trabalho externo, enquanto se aprende. Em geral, dizemos que a pessoa que se aproxima de uma Disciplina deve ter manejo mínimo de algum ofício. Será bom dispor de oficinas nos Parques, Centros de Estudos e Trabalho. Que as pessoas possam trabalhar nelas. Desse modo, poderão relacionar o que acontece em sua cabeça com esse tipo de trabalho. Essas mesmas oficinas, com pequenas modificações, servirão também à Disciplina Material.

³ Sustentamos que, para que haja mudanças, tem que haver instabilidade. Disso se trata: para bem ou para mal, não há mudanças nas situações estáticas, nas sociedades permanentes não há mudanças. As instituições estão armadas para evitar a instabilidade. Falamos de desestabilização no próprio corpo vinculada a mudanças nos objetos materiais com os quais trabalhamos.

⁴ Denominamos essa energia de “psicofísica”, porque os fenômenos psíquicos têm uma ancoragem física, não metafísica. Já na psicologia experimental, na época de Wundt, estudava-se seriamente a relação entre os fenômenos psíquicos e o corpo. Mediam, por exemplo, mudanças de temperatura corporal vinculadas a certas imagens, a resistência a dor, etc. A psicologia posterior, ao contrário, é de muito pouca experimentação.

⁵ Consideramos as quatro vias que conhecemos e pudemos desenvolver, ainda que possam haver outras que não conhecemos. Os sistemas de yoga em seus distintos modos, as práticas do Monte Athos, certas práticas sufis nos dão uma idéia dessa possibilidade, ainda que deveriam ter uma sistemática e profundidade adequadas para serem consideradas disciplinas. Então, nosso sistema não é um modelo fechado e sacrossanto, mas que admite outras variantes. Nos inspiramos nas quatro causas aristotélicas: Causa Formal, Causa Material, Causa Inicial (eficiente) e Causa Final — isso já se explicava no ano 300 antes desta era.

A Disciplina Energética busca suas raízes na Ásia Menor, desde onde o orfismo e o dionisismo se propagaram até Creta e Grécia, sofrendo importantes modificações, até que foram abolidos pelo Cristianismo triunfante. Também em algumas linhas shivaístas e do tantrismo podem ser resgatados fragmentos de uma experiência extraordinariamente rica.

A Disciplina Mental encontra no budismo sua maior fonte de conhecimento. Para favorecer as distinções entre atos e objetos mentais, apela à linguagem rigorosa de alguma corrente filosófica contemporânea.

A Disciplina Morfológica reconhece antecedentes significativos em algumas correntes de pensamento pré-ático, que floresceram sob as influências "orientais" do Egito, Ásia Menor e Mesopotâmia, tal é o caso da escola pitagórica.

As Disciplinas trabalham com rotinas que se repetem em cada momento do processo (passo), até que o operador obtém o registro indicado. Todo o processo está convencionalmente organizado em doze passos separados em três quaternas. Assim como cada passo tem uma designação que aproxima à ideia do registro buscado, cada quaterna assinala uma significativa mudança de etapa.

As Disciplinas levam o operador na direção dos espaços profundos.⁶ Concluído o processo Disciplinário, está-se em condições de organizar uma Ascesis separada de passos, quaternas e rotinas.⁷

⁶ São distintos cortes que fazemos com cada Disciplina. Trabalha-se de modo intencional, sempre com um propósito e por distintas vias. Entrar pelos objetos materiais é muito diferente de entrar pelos atos e objetos, mas se trabalha com a mesma energia psicofísica, ainda que sejam diferentes as entradas.

⁷ Se alguém é educado em um tipo de cultura, há coisas que lhe escapam e não se pode penetrar. Isso provém da valoração social e dos códigos que cada um traz. Tem a ver com uma memória atuante, com o que se recorda. Há uma memória profunda que determina a forma de ver o mundo, é a "paisagem de formação". O indivíduo não poderá se aproximar desses temas por mera voluntariedade. Dependerá do momento histórico em que esteja localizado. Antigamente, na praça pública falava-se de quantos anjos cabiam na cabeça de um alfinete, hoje se fala das empresas. Em 1970, sabia-se para onde íamos (como tom histórico), hoje não se sabe para onde vamos. É a memória atuante, que se mete em tudo, que tem a ver com as valorações e as buscas e que não é "plana". Quando falamos de transformações profundas, fazemos uma espécie de substituição da paisagem de formação, que nos impulsiona e "vem desde atrás", a substituímos por algo mais consciente. Nós não somos conscientes do mundo em que nos formamos e, no entanto, essa paisagem atua sobre nós. Porém, quando a substituímos, trocamos esse mundo para nos movermos pelos propósitos que nós formamos. É um longo trabalho de formação dos propósitos, que tem a ver com valorações, tons afetivos e buscas. É coisa séria, é sair da paisagem de formação dada e entrar em uma paisagem construída por nós mesmos. Construir um "propósito" é construir uma paisagem de formação diferente. Também há grandes modificações de paisagens de formação por acidentes sociais. Às vezes muda e cai por terra toda uma postura diante do mundo porque de repente, aparece uma paisagem diferente que se choca com o estabelecido. Por exemplo, e há que ver as transformações que se produzem na irrupção das grandes religiões, aí há uma grande mudança no tema das paisagens. Ou se muda por ação intencionada ou se muda por acidente. Há um conflito entre o que se recorda e o que se vive hoje. Há uma grande diferença e são as cargas afetivas as que decidem. Sem a carga afetiva, nada muda, já que esta é profundamente cenestésica e trabalham os sentidos profundos e suas representações são profundas.

DISCIPLINA MATERIAL¹



Esta é uma Disciplina que trabalha com um sistema mental de forte alegorização e associação. O "corpo" que vai sofrendo um processo de transformação, é a representação do operador. Pelo dito anteriormente, não basta realizar operações com materiais, é necessário que o operador "ressoe" com eles em um argumento de transformação. Trata-se da direção de um processo no qual o operador vai cumprindo passos dos quais deve ter registros precisos (indicadores).

Ao contrário das situações cotidianas nas que nós não ressoamos com os objetos, senão que unicamente os usamos, na Disciplina é necessário que o operador "ressoe" com as substâncias numa determinada frequência mental. O operador vai seguindo um processo pautado por passos, dos quais deve ter indicadores precisos, registros precisos. Quando não logra o indicador, terá que refletir e repetir os passos até esse ponto.

Tudo isso vem desde a antiguidade. Os alquimistas trabalhavam com indicadores. Por exemplo, representavam o dragão verde comendo o Sol, toda uma alegoria para expressar que o ácido nítrico atuava sobre o enxofre. As produções dos antigos alquimistas estão cheias destes indicadores. São indicadores, registros, dizemos nós. Somente se você lança o ácido no enxofre obterá estes indicadores e não de outra forma. Há muitos antecedentes neles e não poderia ser de outro modo.

Não eram formas de trabalho habitual. As práticas alquímicas são muito variadas e distintas entre si. Tudo isso começou em distintas culturas e com diversos interesses até declinar no século XVIII.

Os alquimistas de distintas épocas se baseavam na idéia de processo. Já na alquimia Babilônica se tenta entender os fenômenos agrícolas, inundações, fertilidade, colheitas, nos quais eles enxergam certas constantes e repetições. Termina o verão, porém volta, são as coisas agrícolas, cíclicas, que ganham importância na formulação. Consideravam como agentes dessas mudanças, o dia, a noite, o verão, o inverno, os relacionavam com o que acontecia cosmicamente, com certos momentos do sol, da lua, as casas dos deuses, seu horóscopo. Essa alquimia se relaciona com o que conhecemos depois como astrologia, com um sistema de alegorias e indicadores, precursora da astronomia.

Simultaneamente e em outras latitudes se chegava a conclusões parecidas, sem relação de causa efeito. Por exemplo, aparecia no Egito outra alquimia mais ligada ao material e não tão abstrata como nos babilônicos. Os egípcios vão mais aos objetos, trabalham sobre os fogos, as pedras, os metais, eles são os que descobrem o vidro. Em distintos povos aparecem manifestações deste pensamento, porém sempre com raiz agrícola. A domesticação dos vegetais, a agricultura é um marco muito importante na história humana e ainda hoje segue evoluindo.

Também se produz a domesticação dos animais, já não estamos na época da caça, há que domesticá-los e que se reproduzam. Inclusive a domesticação se estende a outros seres humanos,

¹ A Disciplina Material pode ser praticada em um espaço conhecido como "oficina" que deve ter boa ventilação, já que se trabalha com ácidos e vapores tóxicos. Deve se atender, além do mais, aos perigos de incêndio e queimaduras por manipulação de bicos, maçaricos, ácidos ferventes e por explosão do instrumental de vidro. Também deve se cuidar para que a pele não entre em contato com substâncias venenosas como o mercúrio.

sendo a escravidão paradoxalmente um passo evolutivo na organização humana diante de etapas anteriores de confrontação e assassinatos massivos de outros grupos humanos.

Dirigem-se processos que estão na natureza, são atos diferidos no tempo que permitem acumular plus e ampliar possibilidades. Começa-se a manipular a natureza com o manejo das águas, a hidráulica e a irrigação. Surge a domesticação dos elementos. Esse é um momento de grandes consequências. Como podemos converter coisas, vegetais, minerais para que sejam úteis à evolução? Já estamos em presença do pensamento alquímico, que é sempre evolucionista, sempre tratando de chegar mais longe. Isto se dá em distintas culturas, porém com variantes, e em ocasiões estes descobrimentos passam de um povo a outro.

A ideia é domesticar a natureza indo às coisas mais elementares para fazê-las evoluir até chegar a coisas de maior valor como o ouro. A base do valor do ouro era sua escassez. O ouro substitui ao sal como valor de intercâmbio, é fácil de transportar. Como podemos começar a produzir o que não está em todas as partes? Pensa-se que o ouro provém de metais anteriores, metais mais toscos que vão amadurecendo e evoluindo. A Alquimia dá importância a isto em sua época, porém não tem a ver com as transformações internas, ainda que sem dúvida houveram transformações. Mas não é a alquimia, é o processo histórico que mudou a concepção da natureza. E se chega a concepção alquímica e aos fogos como elemento transformador.

A época do ferro é a última etapa do trabalho dos metais. No entanto, paradoxalmente o ferro é o primeiro metal que foi trabalhado. O ferro que aparece dos céus, meteoritos siderais (dali que vem a palavra siderurgia), se utiliza para objetos domésticos e rituais. Eram trabalhados com a tecnologia própria da pedra. Isto é antes da época dos metais, graças a uma pequena ajuda dos céus. É depois que surge a ideia do processamento dos metais. É domesticação em outro nível. Se não se tivesse estendido a domesticação não se poderia pensar nesse tipo de transformação.

Na alquimia chinesa para produzir transformações nas pessoas utilizam os metais, a pílula da eterna juventude. Os alquimistas chineses trabalham no aparelho do império, a serviço do estado. Agora busca-se a juventude eterna, o prolongamento da vida. A alquimia se faz muito utilitária nesta direção. Na realidade está se aproximando a uma medicina. Não se busca o ouro, os imperadores têm riquezas, agora necessitam juventude e ingerem certos preparados para conservar a vida, muitas vezes com resultados mortais para o imperador. (e, seguramente, também para os alquimistas que trabalham nisso). Tudo isso dá lugar a mitos que traduzem estas propriedades, as fontes de juventude, as pílulas da imortalidade. Muitas vezes estes mitos dão lugar a expansões territoriais, buscando esses elementos em lugares cada vez mais distantes.

Ainda até tempos recentes os galenos se referem a certas enfermidades através de alegorias dos metais. Com relação a sífilis dizem: por uns poucos momentos de Vênus muitos anos de Mercúrio (em referência ao tratamento com mercúrio que se dava para curar essa enfermidade). Porém não está a ideia da transformação do operador. A mudança do operador trabalhando com as substâncias é mais recente.

Trabalha-se produzindo a matéria prima, esse andrógino, esse composto de mercúrio e enxofre. Nesse trabalho com fogos e ácidos, o Artista pode ter aspirado os vapores mercuriais neurotóxicos, relacionados com alucinações e fenômenos extraordinários. Não se percebe, mas o vapor de mercúrio é extremamente tóxico, vai direto ao sistema nervoso. Sempre tem esse pano de fundo do

perigoso. Há muito de intuição nisto. Não é que estavam tomando intencionalmente estes vapores, porém sofreram os efeitos deste tipo de trabalho.²

Não acontece o mesmo com o enxofre, cujo vapor é sufocante porém não é tóxico. Nessas práticas perigosas, nessas ciências ocultas, é possível que ali se tenha gestado a idéia de que ao combinar certos metais se produzem modificações internas no operador.

A matéria prima não é uma, são duas que combinadas dão início ao processo. O mercúrio e o enxofre. Isto já aparece no neolítico, o tema dos andróginos. Isto tem um pano de fundo biológico, uma grande intuição do óvulo e o espermatozóide.

Trabalhou-se muito com os metais e suas transformações. Havia então muito interesse em descobrir qual era a matéria prima. Para muitos eram materiais descartáveis, que saem de lixos. Materiais que tiravam da urina. Processando-a, chegaram a produzir o fósforo branco que produzia luz. A busca da matéria prima permitiu muita experimentação, conseguiram ácidos, álcalis, muitos descobrimentos neste percurso de acertos e erros.

Para fazer tudo isto, desenvolveram todo um instrumental muito sofisticado, que chega até o mundo de hoje, transferidos à química. O suave banho Maria vem de um procedimento do trabalho de uma alquimista “Maria a Judia” (para esquentar a substância sem expô-la direto ao fogo). Muitos descobrimentos são acidentais e por via da intuição.

Então quando apareceu a química esta se encontrou muito equipada. Dotaram o panorama de muitos aparelhos, substâncias, todo um avanço na época. A história da alquimia é complexa porque se expressa em distintas culturas e épocas com formas diversas. Assim chegamos à alquimia como ciência universal que toma o nome de uma voz árabe, destes viajantes que acumulam informação e tomam contato com outras culturas.

Já no renascimento, aproxima-se muito da ciência. Utilizam um arsenal de instrumental, o laboratório do século XVII é muito sofisticado. Há muita experiência e literatura nesse momento até que deriva na química, porém até seu final foi evoluindo, aperfeiçoando-se e desenvolvendo-se por essa via mental que a conduzia. A alquimia fez muitas coisas nesta época, e buscava a transformação do operador. Depois se psicologizou, ficando na transformação, porém abandonando as práticas materiais.

PASSOS NA DISCIPLINA MATERIAL.

As grandes etapas do processo podem ser resumidas como na estrutura de vários mitos universais: nascimento e vida - morte e obscuridade - ressurreição e ascenso. A matéria utilizada vai sofrendo todas as mudanças que propõem os passos da Disciplina ao mesmo tempo em que o operador registra as concomitâncias alegóricas do caso. A matéria prima inicial, o cinábrio (um composto de enxofre e mercúrio), irá se transformando ao longo de toda a Disciplina.

Primeira quaterna: o nascimento e a vida.

1º.- Depuração. Trata-se da purificação de duas substâncias.³ Filtra-se ao mercúrio com camurça ou couro fino até que fique livre de impurezas. Lava-se ao enxofre com água morna reiteradas

² Em outros contextos e em outros momentos (tradições xamânicas, adivinhações, bruxaria, magias) se trabalhava intencionalmente, buscando substâncias tóxicas que, ao ser ingeridas, produziam experiências e alterações da consciência. Trabalhava-se com unguentos, substâncias que passavam para a corrente sanguínea e produziam seus efeitos. Algumas destas práticas mágicas pagãs, com raízes alexandrinas, ao inserir-se na cultura cristã tiveram um choque sério. Sustentavam que o mundo não era como se percebia, senão o que estava oculto e detrás dos fenômenos.

³ Não vamos encontrar a Matéria Prima, tem que produzi-la e deriva de dois princípios que interagem. Tem sua raiz em certo tipo de alquimia, baseada no enxofre e no mercúrio, que alegorizavam dois princípios opostos, tal como o desenvolviam na Alquimia medieval que trouxeram os árabes. E Cinábrio que se encontra na Natureza é enxofre e mercúrio bem mesclados. Essa mescla de dois princípios, que em mais de um sentido, são antagônicos e complementares, é a que queremos processar. É a idéia evolucionista fazer em pouco tempo o que a Natureza demora enorme quantidade de anos. Nesse passo, se purificam as substâncias e o operador.

vezes até que algumas impurezas precipitem e outras fluem podendo ser retirado o enxofre limpo. Finalmente, se misturam as substâncias purificadas em proporção 1:3, obtendo-se um corpo negro com brilhos metálicos.⁴

2º.- Crescimento. Ácido clorídrico em duas partes de água pura. Introduce-se o corpo em um balão de vidro e é coberto com a diluição. Na armadilha e no recipiente com água pura, se registram escassas borbulhas. Inicia-se o processo aplicando uma suave chama que vai aumentando gradualmente até que aparece o indicador das borbulhas. O ritmo de saída das borbulhas deve ser o mais parelho possível, em todo caso deve aumentar e não diminuir.

Incrementa-se a chama até que aparecem no balão os traços de cores. Nesse ponto se mantém a temperatura e o passo termina quando aparecem as agrupações vermelhas brilhantes.⁵

3º.- Separação. Com a aparição das agrupações vermelhas se diminui gradualmente o fogo até o esfriamento do balão. Proceda-se ao desprendimento mecânico das cascas exteriores sob as quais aparece uma substância vermelha que contrasta com a substância negra calcinada.⁶ Dissolve-se a substância negra na diluição ácida quente a menor temperatura que ebulição girando sempre na mesma direção até obter um corpo vermelho que será secado por evaporação. Isto admite reiteradas lavagens com água pura até que não fiquem rastros de acidez.⁷

4º.- Repetição. Mistura perfeita do corpo vermelho com o mercúrio purificado 3:1. Divisão em três grupos. Introdução do primeiro grupo no balão e aumento gradual do fogo até obter o espelhado, este aparece com mais nitidez no pescoço. Observam-se novamente as borbulhas para controlar o fogo. Os indicadores deverão ser cuidadosamente verificados já que o espelhado se produz entre a temperatura de fusão do estanho e o chumbo.⁸

Esta faixa de temperatura deve ser mantida sem que se produza a fusão do chumbo. Então: obtido o espelhado pela mistura e sublimação do primeiro grupo (1R ou Primeira Repetição), se desprende mecanicamente o material que finamente pulverizado se mistura com o segundo grupo (2R) e se volta a espelhar completando o procedimento anterior para terminar na mistura com o terceiro grupo (3R). Podem ser produzidos neste passo movimentos cinzentos brancos dentro do balão que servem de indicadores de conclusão desta etapa. Afinal, por desprendimento, pulverização e lavagem se vai obtendo um corpo vermelho de maior firmeza que o obtido no passo

⁴ Sempre esteve em discussão qual era a “matéria prima”, mas tratando-se de um “andrógino” é aceitável considerar a dois elementos distintos, o enxofre e o mercúrio, como constituintes de um só corpo. Logo depois da mistura por giro da substância no “almofariz”, o corpo vai tomando uma coloração cada vez mais negra até se assemelhar com a “asa do corvo” com seus pequenos lampejos metálicos. Este momento da “mortificação”, continuará no passo seguinte quando se agregue temperatura com um sistema gradual muito interessante conhecido como “fogo de roda”. O corpo foi “mortificado” mas ainda tem “crescimento” e outras funções. A “morte” ocorrerá na quaterna seguinte.

⁵ Nesse passo, mortifica-se primeiramente a substância com um ácido suave. Poderia ser limão ou vinagre, porém em nosso caso ácido clorídrico diluído (ácido “muriático”). Depois aparecem cores que mudam: neste passo aparecem a vistosa “bandeira alquímica”, com suas cores vermelha, branca e negra. Mais adiante aparece uma pequena mancha vermelha brilhante que vai se ampliando. Estas agrupações vermelhas brilhantes são conhecidas como os “rubis”.

O aparelho conhecido como “armadilha” serve para permitir a saída de gases, coisa que se pode seguir ao observar o

Desprendimento na água. Se o desprendimento se detém por resfriamento do ambiente os volumes de gás se contraem e provocam uma sucção da água a menor temperatura (ao que se chamou “regressão”) que termina fazendo explodir o balão.

⁶ Na metalurgia, as escórias são descartáveis. No descartável nós podemos encontrar o essencial, este é um princípio para nós. O Sal Vermelho, que se extrai das obscuridades da mina. Trata-se de uma substância instável.

⁷ Os pedaços do corpo calcinado que se aderem ao balão e que é necessário desprender com muito cuidado, apresentam ao ser fragmentados umas estrias vermelhas em seu interior, por isso foram chamadas as “guelras” Proceda-se de imediato a obtenção do “sal vermelho não fixo” assim chamado porque não agüenta a “prova de fogo”, nem a prova de ácido e o “dragão verde” (ácido) pode “digeri-lo”.

⁸ Este controle se faz apelando às “testemunhas” suspensas por um colarzinho de bronze ou latão colocado perto do pescoço do balão. As testemunhas estão em posição diametral de maneira que se enxergam muito claramente. A testemunha de estanho fundirá aos 232°, enquanto que a de chumbo aos 327°. Estas testemunhas servirão para medir as temperaturas já que o calor desejado se lograva ao fundir-se o estanho, mas não o chumbo.

três. A maior firmeza deste corpo se constata pela prova de fogo ao colocar um pingo do corpo sobre uma prancha de vidro que se ondula em repetidas oportunidades sem que se observe alteração em sua coloração. Também se prova a dureza deste corpo aplicando-lhe os três ácidos: clorídrico, sulfúrico e nítrico. No caso de reagir com algum ácido indicará erros prévios no processo. Se não houver reação, continua-se com o processo. O corpo vermelho fixo obtido tem a cor da semente de romã madura,⁹ mais intensa em sua coloração que no corpo vermelho não fixo do passo terceiro.¹⁰

SEGUNDA QUATERNA: A MORTE E A OBSCURIDADE.¹¹

5º.- Fermentação. Mistura-se o corpo vermelho fixo com chumbo fino (pó de chumbo), este posteriormente deve cobrir a mistura. Banha-se tudo em ácido sulfúrico e levando a temperatura no calor da pele. Começa a fermentação e aparecem as borbulhas indicadoras. Depois, se aumenta o fogo até produzir uma reação violenta. Diminuição do fogo e esfriamento. Agrega-se água pura à substância revolvendo e deixando precipitar. Extrai-se a água ácida. Isto se repete várias vezes até que elimina toda acidez. Secagens e calcinação mediante fogo até obter o corpo como pó cinza branco.

6º.- Circulação. Prepara-se a solução sulfonítrica (1 de ácido sulfúrico por 2 de ácido nítrico). Aquecimento e vaporização da substância no ciclo fechado, quer dizer, se recuperam os vapores para fazê-los passar pela substância novamente. Aqui o aparato usado, conhecido desde antigamente como "cisne", é fabricado pelo operador em base a cerâmica branca posteriormente esmaltada.¹² O processo termina quando todo o corpo é atacado e fica reduzido a pasta cinza escura.¹³

7º.- Lavagem. Lavagens iguais aos do quinto passo; vaporizações com água e secagem com calor. O processo se repete várias vezes até obter um corpo em pó cinza muito fino.

8º.- Aglutinação. Mistura-se o corpo com antimônio, cobre e ferro. A quantidade de pó cinza branco deve ser maior que a quantidade de materiais (juntos). Deve ser feito um ordenamento por quantidades da maior para a menor. Assim, se fossem atribuídos valores, estes seriam: corpo 7, antimônio 3, cobre 2, ferro 1.¹⁴ Coloca-se a mistura dentro do crisol e se submete a 1500° (a esta temperatura o crisol e a mistura se põe ao "vermelho branco"). Reconhece-se a substância completamente fixada quando não é atacada pelo fogo. Mantém-se o fogo até que todos os elementos envolvidos se fundem homoganeamente. Ao esfriar e separar as escórias aparecem as

⁹ O corpo vermelho obtido ao final deste passo é conhecido como "sal vermelho fixo" ou "romã" por sua coloração. As romãs aparecem no mito de Perséfone. Foi raptada e levada a Hades no mundo das profundidades. Quando Perséfone saiu do mundo de Hades, este lhe deu de comer um misterioso grão de romã para que regressasse logo a seus tenebrosos domínios.

¹⁰ Este é o procedimento chamado REBIS (a "reiteração da coisa"), ou 3R ("três vezes reiterado"). O indicador deste passo é um espelho do vidro que devolve a imagem do operador, por isso também foi chamado de "o espelho".

¹¹ Toda esta quaterna descreve o processo e os indicadores (e internamente "registros" para o operador), da obscuridade e a morte do corpo.

¹² O "cisne" tem a ver com os primeiros destiladores que conhecemos, encontrados em Tepe Gawra, na Mesopotâmia, datados de 5.500 anos. Supõe-se que eram usados para fazer perfumes.

¹³ O processo no "cisne" tende a fazer perder o "espírito" do corpo, por isso a reiteração dos ácidos ferventes até que o corpo fique "digerido" totalmente. Neste passo não se pretende recuperar o "espírito" como poderia ocorrer em uma destilação comum (daí que as bebidas "espirituosas" estejam relacionadas com a destilação dos alcoóis), senão tudo ao contrário. Trata-se de ficar com o "corpo" até que este fique totalmente inanimado (sem "anima").

Há fenômenos post mortem. Mais abaixo da morte está a vitalidade difusa. Recentemente, no século XIII, usava-se uma máquina gráfica para ver processos, a árvore da vida da Cabala. Ali podemos ver Malkut mais abaixo da morte. Chegar ao corpo inanimado demandará outros trabalhos que terminarão com a sepultura do corpo na "montanha". Depois de numerosas extrações e calcinações se estará em condições de obter um corpo finalmente "morto" (primeiramente sem "espírito" e depois sem "alma"). Trata-se das cinzas do que foi um ser vivo.

¹⁴ As distintas proporções neste passo correspondem as distintas temperaturas de fusão e sublimação dos metais a aglutinar. Assim, o ferro se coloca em menor quantidade que o cobre e o antimônio, já que estes fundem a menores temperaturas.

nervuras dos diferentes materiais como se se tratasse de uma montanha em miniatura. Introduce-se o corpo em solução sulfonítrica: 1 de ácido sulfúrico por 2 de ácido nítrico, esquentando muito suavemente. Vai-se aumentando a temperatura até produzir-se a reação violenta e a aparição de cores em sucessão: verde, azul, amarelo, vermelho e branco em vapores e em decantados líquidos.¹⁵ A pasta úmida verdosa em que termina o corpo mostra os signos da morte. Mantém-se a temperatura até que o corpo calcinado fica convertido em um pó cinzento, nele aparecem uns brilhantes e diminutos cristais.¹⁶

TERCEIRA QUATERNA: A RESSURREIÇÃO E O ASCENSO.¹⁷

9º.- Vivificação. Lavagens com água densa. Esta se obtém destilando água até ficar com o 1/10.000 de volume que se recolhe, reunindo a quantidade desejada. Lavagens como no quinto passo. Secagem e fragrância do corpo.¹⁸

10º.- Purificação. Cobre-se o corpo com prata pura e se agrega ácido nítrico (a temperatura deve estar mais baixa que o ponto de ebulição da água). Logo se eleva lentamente a temperatura até que o corpo começa a tomar uma coloração cinza verde.

11º.- Conversão. Agrega-se antimônio puro e a temperatura é elevada até que o corpo funde com o antimônio. Produzem-se lampejos significativos. Mudança de qualidade do corpo.¹⁹

12- Multiplicação. O balão ficou tingido com a cor dourada. Moendo o balão até obter um pó de vidro muito fino se está em presença de um corpo capaz de tingir em presença do calor, em uma proporção 1/10.000.²⁰

¹⁵ Estes indicadores de cor, conhecidos as vezes como “o pavão real” devem ser obtidos sob o risco de não chegar a concluir com êxito a operação. Frequentemente, a impaciência faz perder alguma das cores indicadoras e é claro que o processo fica truncado.

¹⁶ Este passo é o da “montanha” e as “cinzas”. Oferece várias dificuldades técnicas ao levar a chama do maçarico oxiacetilênico (que permite poupar demoras desnecessárias) até os 1.500°. Esse trabalho deve fazer-se com muita rapidez impedindo que os elementos de baixa temperatura de fusão terminem sublimados ou volatilizados perdendo-se a possibilidade de integrá-los na montanha. Claro que se substitui o trabalho com a tubulação ou forno alquímico por outro instrumental.

¹⁷ Esta quaterna descreve o processo e os indicadores (internamente “registros” para o operador), da ressurreição do corpo.

¹⁸ Novamente temos aqui um procedimento no qual importa evaporar todo “espírito” próprio da água ou “carregado” na água. Aqui se trata de conservar as moléculas mais pesadas do “disolvente universal” (a água), que neste caso servirão para dissolver e aglutinar os “restos” do corpo sem agregar-lhe outras propriedades que sempre estão presentes na água. Este tipo de procedimento (o “solve et coagula”), foi muito usado com diversas substâncias pelos alquimistas ocidentais. A “água leve” ou rocío da manhã, ou também “rocío de Maio”, era obtido pelos alquimistas dadas as propriedades cósmicas com que se “carregava” momentos antes do nascer do sol e nesse caso se tratava de “água leve” oposta a “água densa” deste trabalhoso passo. Outro indicador do passo logrado corretamente é o da “fragrância da vida” parecido ao aroma que exalam as crianças recém nascidas. O suave odor que se desprende na lavagem do corpo com água densa, serve muito bem para configurar o argumento mítico.

¹⁹ Esta operação foi chamada “o triunfo do antimônio” pela luz radiante que aparece no interior do balão de um modo um tanto surpreendente. Este passo e os fenômenos que o acompanham são muito variáveis e dependem em alguma medida do manejo do “fogo de roda”. Superar a temperatura limite leva a explosão do balão; não chegar a temperatura mínima, impede a “mudança de qualidade” do corpo. A “mudança de qualidade” foi chamada também “transmutação” e, às vezes, “transsubstanciação”. Tais procedimentos e designações arrastaram aos alquimistas a um choque frontal com a religião oficial medieval já que se acreditava nos âmbitos eclesiásticos, que a “transsubstanciação” era um “mistério” próprio da conversão do pão e do vinho em “corpo e sangue” de Cristo. Por outro lado, este fato parece uma cópia do procedimento cristão, quando sua inspiração começa, na verdade, no ambiente clássico dos Mistérios de Eleusis. Muito antes dessa época há indícios de “mudanças de qualidade das substâncias” nos cultos tectônicos da Ásia Menor dos quais Cibele é uma das divindades mais significativas. Certamente há antecedentes também na alquimia chinesa.

²⁰ Este passo foi chamado “A Fênix” achando-se nesta ave fabulosa uma imagem que respondia a ressurreição pelo fogo de acordo a divisa dos alquimistas. “Igne Natura Renovatur Integra” (Pelo Fogo será Renovada Integralmente a Natureza). Também a Cornucópia foi uma alegoria adequada. Do corno da abundância brotavam inesgotavelmente todo tipo de benefícios como a imortalidade, a regeneração e a riqueza em dons materiais e espirituais. Os mitos e lendas (de origem alquímica) que circularam na época do descobrimento da América tais como “Eldorado”, ou a “Fonte da Juventude” inflamaram a imaginação de não poucos aventureiros.

Neste último passo o balão (o ovo alquímico), ficou tingido de cor dourada e ao pulverizá-lo conta-se com uma substância que tem propriedades multiplicativas como a de tingir outros corpos em presença do fogo. Este caso, é o da “pílula de ouro” (um comprimido dourado feito com substâncias de mercúrio, enxofre e outras), foi produzida pelos alquimistas chineses. Dali se derivaram não poucos excessos já que alguns imperadores e numerosos funcionários, buscando a “pílula da juventude”, se dedicaram a ingerir estas substâncias tóxicas.

DISCIPLINA ENERGÉTICA



INTRODUÇÃO

A Disciplina Energética trabalha na geração, deslocamento e transformação da energia psicofísica.

Nos basearemos em dois princípios energéticos:

1-Se não se conta com energia difundida não se pode dispor dela. Se existe energia concentrada primeiro haverá que difundir-la e depois requerê-la desde distintos pontos do corpo.

2-Para poder trabalhar nesta Disciplina, deve-se adestrar a aptidão de sentir internamente as cargas psicofísicas, utilizando os plexos nervosos para verificar a produção e passagem da energia, plexo por plexo.

Na Disciplina Energética se trabalha com a energia psicofísica, não com outro tipo de energia. Podemos ver a energia psicofísica funcionar muito bem em nossa tela de representação, por exemplo, nas imagens visuais.

A permanência da imagem tem a ver com a conservação da energia psicofísica. A permanência se dissipa até o nível de sono. Mais sono e menos conservação da imagem. Ao tratar de manter a imagem no dia, comprovamos como esta oscila porque a energia psicofísica cicla. E o mesmo que acontece com a imagem acontece com todas as atividades psicofísicas.

O brilho da imagem tem que ver com a canalização da energia. Quando esta é treinada se pode conseguir imagens brilhantes. O brilho da imagem nos mostra uma característica importante: a intensidade.

A intensidade é importante para outros trabalhos energéticos. Se não há suficiente intensidade não serão possíveis alguns trabalhos previstos nos passos mais avançados da Disciplina.

Intensidade, brilho e permanência. Estamos falando de energia psicofísica e colocamos o exemplo da imagem.

Quanto a energia psicofísica, temos que compreender que tudo o que se move como imagem se move por quântums de energia. Só que a imagem não é somente visual, corresponde aos diferentes sentidos. Inclusive há pessoas que se especializaram em diferentes imagens que correspondem a distintos sentidos. Imagens auditivas, por exemplo. Há alguns que, mesmo surdos, podem escrever uma sinfonia completa. Imagens olfativas, que podem se desenvolver através do ofício da perfumaria. Imagens gustativas, como os gourmets que trabalham com suas papilas gustativas, com imagens gustativas e as recordam. Esses grandes chefs estão trabalhando também com imagens, como lembranças que se comparam com a percepção. O degustador de vinhos busca o gosto de morangos nas diferentes taças que está provando, quase sem dar-se conta resgata o gosto. Das amostras, pode saber que isso não é morango, mas que é avelã. Tudo isso acontece com as imagens que se comparam com a lembrança e em geral se faz pela via do descarte e assim se vai calibrando. Apela-se à recordação como representação e se compara com a percepção.

Falamos de diferentes imagens dos sentidos externos. Também existem as imagens que não correspondem aos sentidos externos, mas sim aos internos.

A força das representações das imagens internas será para a Disciplina Energética de muito interesse. As imagens que provêm do mundo externo registramos como dentro do próprio corpo, mas também muitas provêm do mundo interno. Essas são as imagens que classificamos como cenestésicas e cinestésicas.. As primeiras registram as mudanças do meio interno e as cinestésicas registram as mudanças de posições corporais.

Esse jogo de imagens entre as percepções, as representações e os sentidos nos dão chaves importantes do funcionamento da energia psicofísica. Quando falamos do tema dos sentidos internos é mais difícil registrar as imagens. Às vezes os sentidos internos interferem na percepção externa. Estamos falando dos fenômenos de tradução de um sentido em outro. Isto se reconhece facilmente com o sentido gustativo. “Que doce és”, “que maneira ácre ou ácida tens de falar”. Também com o olfativo: “Esta situação cheira muito mal”. Na poesia podemos encontrar múltiplos exemplos deste tipo de traduções.

Traduções que funcionam quase a velocidade da luz e que tem a ver com a corrente nervosa. São de um sentido a outro. Trens de impulsos que saem de um sentido e se transformam em outro. Podemos reduzir as sensações e as traduções ao átomo mínimo que é o impulso. Reduzimos a impulsos e vemos suas propriedades, como se transformam, sempre trabalham com suas vias sensoriais: impulsos auditivos, gustativos, etc. Estes impulsos vão por correntes nervosas. Vejamos um exemplo: frente a uma situação de perigo, a adrenalina se ativa na corrente sanguínea, acelera o fluxo nervoso, estimula os músculos. Há distintas substâncias que o organismo emite e que o aceleram ou o enlentecem e algumas outras que permitem que se bloqueie ou se enlenteça a conexão neuronal. O que se enlentece são as transmissões neuronais, não o pensamento. Vão se produzindo fenômenos “tóxicos” que entorpecem a transmissão. Esses trens de impulsos têm capacidade para se transformar e se deformar. A ocorrência deste fenômeno pode observar-se claramente no caso do emprego de drogas.

Estamos falando dos sentidos internos onde podem ser produzidas variações de temperatura, mudanças de teor alcalino ou ácido, mudanças de pressão, todas mudanças que atuam sem que se dê conta. Muitas vezes todas estas variações estão se produzindo subliminarmente, e para detectá-las tem que se colocar em situação subliminar, no limite das percepções. Muitas vezes dão sinais, mas traduzidas, e assim às vezes não se entende a origem destas traduções.

Outro tema é o circuito das representações. A percepção e a sensação são um átomo que não podemos separar. Sensações e algo mais é a percepção. Trens de imagens estruturadas e não sensações isoladas, são percepções estruturadas. E as traduções também apresentam grandes vantagens, comprova-se isso das estruturas de percepção. As estruturas são algo muito importante na economia do psiquismo. Sempre vêm associadas por cargas de outros sentidos, a complicação é horrível. Então quando falamos da realidade, é um pouco complicado, estruturações de percepção que nos armam uma estrutura de representação e que nos induzem a considerar o mundo externo. Isso nos leva a uma certa humildade ao levar em conta o que se conhece como critérios de verdade. O que se vê é o que se é, bem, não é assim. É o que acontecia antes com o nascer e o pôr-do-sol, não se tinha informação dos corpos celestes, e ainda se diz que o sol se põe e nasce. Então esse assunto dos critérios de verdade sobre o mundo, deveriam advertir estes estudiosos, que se estuda desde algum lado, desde alguma perspectiva. Se pode armar graças à estruturação das imagens, mas é a localização ou perspectiva que se tem. Este tema da tradução e da estruturação das imagens permite descobrir qualidades nos objetos externos aos que chegamos de modo elíptico, traduzido. Pode se calcular o peso de um objeto mas sem tocá-lo. São fenômenos complexos e interessantes e de conseqüências se alguém quer trabalhar com a forma como está armado o psiquismo.

Se queremos desestabilizar o sistema psicológico, há formas e formas. Como alterar o sistema nervoso. E não somente se produzem por ação de substâncias externas, também determinadas

glândulas nesse circuito secretam determinadas endorfinas que produzem alterações por ação de substâncias internas. Então se dá o caso de que uma pessoa não tomou vinho e acontecem coisas extraordinárias. E sem dúvida que assim como se treinam determinadas aptidões neste campo também se treinam formas de entrar nesses mundos. Mas se necessitam momentos de inspiração, colocar-se nesse trem, em tema. Também outros se colocam matematizando, pondo-se em uma faixa cenestésica. É um tema de sentidos internos e tradução de impulsos. É como se houvesse faixas e se pudesse meter-se em uma ou outra camada. Como os tibetanos que entram em diferentes bardos. Há outros que têm a vida ligada a um bardo. Alguns nem conhecem as distintas faixas e se queremos tirar alguém de um determinado bardo se deve desestabilizar.

Com a Disciplina nos metemos em cheio neste tema. É uma longa sequência de coisas, pode-se captar muito bem e se farão diferenças à vista da aprendizagem das razões e da experiência, não só da coisa teórica. Pareceu-nos adequada esta forma proposta, a coisa prática primeiro e não se lançar subitamente com as Disciplinas. Aprende-se, coteja-se, compara-se e se reflete sobre tudo isso, vai se trabalhando com memória, mas também com experiência. São coisas que não se estudam cotidianamente, experimentam-se e ficam no “campo do estranho”.

FORMA DE TRABALHO.

Em cada quaterna e em cada passo, o trabalho da Disciplina Energética se reduz diariamente a somente dois pontos: consciência de si, apoiando-se no plexo produtor e prática de aperfeiçoamento dos passos em algum momento do dia.

O primeiro ponto: consciência de si apoiando-se no plexo produtor que é uma referência cenestésica e, por conseguinte, de localização interna do corpo. Isto é todo o tempo que se possa durante as atividades diárias, sem esquecer-se de si mesmo. Se há esquecimento, pode-se aproveitar qualquer estímulo ao centro produtor que apareça, para lembrar-se dele e tratar de mantê-lo, mas sem tratar de fazer algum trabalho com a energia... simplesmente recordando-se.

O segundo ponto: prática de aperfeiçoamento dos passos em algum momento do dia.

PASSOS NA DISCIPLINA ENERGÉTICA.

Primeira Quaterna: Criação Energética.

1º.- Preparação. Cria-se um âmbito mental adequado ao colocar-se em uma “campana” de isolamento dos condicionamentos externos.

Se coloca muita importância na criação de um âmbito físico adequado, depurado de influências alheias ao trabalho.

2º.- Acumulação. Eleva-se a tensão lenta e moderadamente apelando à contração muscular entorno do plexo vegetativo-sexual.

A partir deste momento o reconheceremos como “plexo produtor”. Desde o começo do processo se deve compreender que não são os plexos que produzem energia psicofísica, mas sim que são usados como fontes de sensações e como referências atencionais. O trabalho com os plexos permite a mobilidade de imagens e registros (no princípio visuais e táteis externas), e posteriormente a mobilidade de registros (de imagens táteis internas e cenestésicas). Tradicionalmente, se seguiu a prática de “subir” energia desde o plexo produtor seguindo o

deslocamento pelas costas de maneira que a distintas alturas da coluna a corrente nervosa chegava até os plexos localizados na parte dianteira do corpo.¹

Certas contrações musculares produzem um registro que se experimenta no plexo produtor e se manifesta como calafrios. Concentra-se no plexo produtor energia psicofísica geral do corpo, concentrando-se na zona e a tensão vai aumentando no ponto.

Desde nosso ponto de vista, o plexo produtor é uma terminação nervosa bem notável que tem a ver com funções vitais e com a perpetuação da espécie; também é interessante essa característica pendular que se carrega e se descarrega como um capacitor. O que fazemos é dotar de intenção essas qualidades para orientar a energia com um propósito diferente relacionado com a energia e não somente para a continuação da espécie. Esse é o ponto de partida da Disciplina Energética. Também sabemos que a capacidade dessa terminação nervosa é acentuada pela ação de substâncias, tanto externas com internas.

3º.- Desconexão. Por um lado da fonte física do estímulo, por outro das percepções e imagens estimulantes. Começa-se dividindo as imagens estimulantes das sensações ficando unicamente com as últimas, localizadas no ponto. A imagem estímulo desapareceu e se retêm somente a imagem-apoio cenestésica que reforça a sensação.

4º.- Ascenso. Vai-se elevando as sensações plexo por plexo, encontrando obstáculos que devem se dissolver até chegar à cúspide e obter nela a “luz”.

O trabalho com os plexos permite a mobilidade de imagens dado que estes entregam informação de localização espacial interna da energia psicofísica.

Uma boa sequência no passo do Ascenso pode ser a seguinte: **A.- Produção da carga** desde o plexo produtor. O assunto principal consiste em conseguir uma carga suficientemente intensa para mobilizá-la até os distintos plexos. **B.- Desde o plexo produtor ao plexo epigástrico**, abaixo do umbigo (pode ser registrado como aumento de calor e expansão da energia em todo o corpo); **C.- Desde o plexo epigástrico até o plexo solar** (pode ser registrado como tensão e movimentos no corpo já que se atua sobre o centro motriz); **D. Desde o plexo solar até o plexo cardíaco** (pode ser registrado como movimento emotivo, como ondas de emoções); **E.- Desde o plexo cardíaco até o plexo faríngeo**, na metade do pescoço e abaixo da garganta (pode ser registrado como aumento de calor para a cabeça); **F.- Desde o plexo faríngeo até a cabeça**, até a metade, atrás

¹ No tantrismo e no budismo tibetano é conhecido que a energia parte do plexo produtor. Aí radica a partida da energia psicofísica com uma localização física mas também espiritual. Eles observavam alguns canais que são os chakras, terminações nervosas que saem da coluna vertebral. Mas a energia não passa simplesmente pelos chakras, mas sobe e desce pelos nadis que são para eles os canais místicos. Depois esse conceito passa à psicologia ocidental, mas isto é mais claro no budismo tibetano e no tantrismo.

Isso se determinou na psicologia experimental de Wilhelm Wundt, aos experimentos e medidas. Ele viu as concomitâncias físicas de certos experimentos mentais. Por exemplo, ele localizou um sujeito em uma cama em equilíbrio sobre um eixo fazendo trabalhos mentais, operações matemáticas, e observou que o sangue ia para a cabeça e a cama se inclinava nessa direção. Também pôde fazer comprovações de temperatura: com termômetros muito sensíveis em cada mão: um sujeito pensando em uma mão brasa que queimavam a mão, e na outra gelo que congelava a mão, efetivamente os termômetros demonstravam que a temperatura subia levemente em uma mão e baixava na outra.

Contemporaneamente, J. Randal Brown dos Estados Unidos de Norte-América, começou a efetuar demonstrações do que ele afirmava que era leitura de pensamento. Demonstrou uma especial habilidade para detectar objetos escondidos e efetuava demonstrações deste tipo que imaginava sua plateia. As demonstrações de Brown foram possíveis graças a sua habilidade de usar o tato para detectar movimentos musculares internos que geravam os sujeitos ao imaginar diversas cenas. A carga que transporta a imagem movia seus corpos em uma ou outra direção, dependendo de onde se situava a imagem.

Quando colocado no eixo Z, deslocava-se para o interior ou para o exterior do sujeito. Não apenas o corpo, mas também o intracampo seguia a ação da imagem.

Seu assistente, Washington Irving Bishop, aprendeu o segredo de Brown e converteu-se em seu rival nesses trabalhos de ler o pensamento.

Com o tempo, outros experimentadores aprenderam o segredo e este tipo de “leitura do pensamento” chegou a ser conhecido com diferentes denominações. Cumberlandismo (por Stewart Cumberland, assistente de Bishop), Hellstromismo (por Alex Hellstrom), etc. Este foi o descobrimento da tonicidade muscular.

dos olhos sentindo-os como referência (pode ser registrado como luz, cores e movimentos de imagens).

Se não se consegue elevar a energia não é por uma disfunção dos plexos senão por falta de manejo da imagem (é um jogo de imaginação); Trata-se de educar a imagem cenestésica que é algo muito abstrato. O volume da tensão primeiro é físico, mas depois se consegue separar a imagem cenestésica da tensão física. Tem que haver capacidade e adestramento mínimo para chegar ao ponto em questão e capacidade traduzida como lampejo, como luz.

Somente com o aperfeiçoamento da prática se pode começar a reconhecer as diferenças entre os plexos. Terminada esta quaterna, o que foi rotina de repetição de cada passo, converte-se em repetição da quaterna sem solução de continuidade.

Comentário. Esta quaterna se registra como um “despertar” das sensações internas e de abertura a um mundo interno e externo que se percebe com maior brilho, volume, estimulante e rico em significados.

Segunda Quaterna: Consolidação Energética.

5º.- Evanescência. As sensações se transformam em lampejos ou perdem naturalmente força para diluir-se. Ativação na cúspide até evanescer o processo.

A ativação na cúspide é trabalhada acima na cabeça até que se desvanece. Não se trata da “circulação da luz” da que falam os taoístas. Os lampejos perdem força e vão se diluindo, se trata manter e aumentar esta ativação e não é possível.

6º.- Recuperação. São produzidas quedas de tensão e se volta ao plexo produtor recuperando todo tipo de sensações (sem novos estímulos em dito plexo).

No passo anterior foi se evanesco e perdendo energia. Agora são produzidas quedas de tensão. Volta-se ao plexo produtor que põe em marcha a energia. Trataremos de recuperar os restos de energia que ficaram no corpo, suficiente para poder subir de novo.

7º.- Fixação. Produz-se nova queda de sensação e trata-se de manter na cúspide um tom de tensão independente das imagens. São sensações puras sem imagens ou mais precisamente, imagens cenestésicas e/ou cinestésicas sem imagens de sentidos externos.

Há queda de sensação para o plexo produtor, mas mantendo a sensação na cúspide. Não se sente o cérebro, então, como é possível uma imagem que se condensa no nada? Seguimos com imaginações, fantasmagorias. São sensações puras, sem imagens, são imagens cenestésicas ou cinestésicas.

8º.- Concentração. Recupera-se desde o plexo produtor todas as sensações do corpo (experimentação do “mundo” através do plexo produtor e vai-se conduzindo as sensações para “cima”).

Convém repetir o processo completo (todos os passos seguidos desde o 1 até o 8 incluído), 3 ou 4 vezes seguidas por sessão. É importante que já não se produzam “trancos” e que não hajam tensões musculares de nenhum tipo a fim de que a respiração se faça contínua, sem interrupções. Agora unicamente se contraem os músculos como “detonador” do processo e a subida não deve comprometer a outros músculos nem frear a respiração.

Observações sobre os passos 7º e 8º

Avançando desde o passo 7º (mantendo as sensações na cúspide o tempo que pareça oportuno), ao 8º em que já se marca o momento de “descer” ao plexo produtor investigando as distintas opções sensoriais: talvez se possa contar com sons; com sensações táteis que podem ir mudando; com sensações odoríficas; com sensações visuais que possam impactar o plexo produtor. É importante que as diferentes sensações que se usam possam mobilizar o plexo

produtor transformado-as em representações (em energia que se utilizará para subir pelos plexos). As fontes geradoras de sensações são muito variáveis, muito pessoais, e tudo está submetido a experimentação neste campo, por outro lado isso ajudará a entender o mecanismo das traduções e o mecanismo das traduções de sensações à energia psicofísica. Importa registrar o sucessivo impacto dos distintos sentidos, comprovando como “pegam”, como se traduzem no plexo produtor e quando pareça que essas sensações se traduziram suficientemente, se começa a levar esse “conjunto de sensações” (já sem precisões nem distinções entre os distintos sentidos) como energia total que irá ascendendo até a cúspide e essa carga ficará ali supondo-se que com a passagem das horas irá se redistribuindo-se em todo o organismo e ficará tudo equilibrado e sem tensões nem sobrecargas.

O trabalho da segunda quaterna é de sensibilização energética, assim como a primeira quaterna foi um trabalho de produção e direção energética e a terceira quaterna será o trabalho da transformação energética.

Comentários: Esta quaterna que trabalha com sensações puras, sem conversão de imagem, é psicologicamente complicada. O processo se escurece e no final desta quaterna não se sabe onde se está e o registro que se tem é de predominante escuridão. Está metido em um “bardo”, diria a psicologia tibetana, do qual se registra que não há saída.

Terceira Quaterna: Disposição Energética.

O Propósito. Na terceira quaterna, antes de começar o trabalho se medita sobre o Propósito, o qual vai se configurando para dar direção à energia no passo 12. O Propósito trabalha no campo do sentido transcendente da vida, corresponde às aspirações mais profundas, é algo que vai mais além do tempo e do espaço e se reconhece pela comoção que produz. Vai se configurando ao longo do tempo. Como trabalha em co-presença, “é uma grande magia”, fica em copresença e atua. Gera automatismos muito importantes. O Propósito tem que ter suficiente carga afetiva. Orienta-se não pela atenção concentrada mas sim por automatismos. Carregado e repetido até o automatismo.² Qualquer um que treina em esportes sabe disso. Independe da atenção e se solta. Há que saber injetá-lo bem em si mesmo. Os fenômenos de automatismo de co-presença vão ser produzidos por domar a afetividade. Por repetição, o Propósito se enxerta adequadamente. Um trabalho sem propósito é um despropósito.

Antes da rotina se trabalha com o Propósito e se começa a gerar o automatismo. Nessa quaterna se tem em conta a Concentração do passo 8º que traduz os impulsos de distintos sentidos, os impulsos de memória e os impulsos de imaginação (as 3 vias da experiência) difusamente, até que se começa a carregar o plexo produtor. Com o Plexo produtor carregado começa a Segunda Acumulação de carga direta do Passo 9º (e divisão atencional entre o plexo produtor e a cúspide). Sem deter a carga vão se separando as sensações na cúspide das do plexo produtor até que se solta a referência do plexo produtor e somente se atende a cúspide. Com isso vai se desenvolvendo a Separação do passo 10º. Se aproxima o momento do salto entre o passo 10º e o 11º em que começa a transformação energética. Este salto irá se produzindo a medida que aumente a carga e se amplie o limite de tolerância. Chega-se ao limite sem poder passar, ou se

² Estamos falando de fenômenos bem frequentes na vida cotidiana, fenômenos que se expressam em momentos oportunos ainda que o sujeito não tenha sua atenção concentrada em seu objetivo. Isso ocorre, por exemplo, com alguém que se propôs chegar a um lugar em uma rua de sua cidade e tal propósito o elaborou antes de sair de sua casa. O caso é que a direção que o sujeito leva é supervisionada por certos automatismos e não por sua atenção concentrada. Há momentos críticos em que os objetivos se fazem mais presentes e isso pode ocorrer quando algo compromete ou desvia o propósito inicial. O mecanismo que podemos chamar de “copresença” está na base de fenômenos cotidianos e também dos fenômenos mais extraordinários. Isso ocorre quando um propósito carregado afetivamente e repetido até o automatismo se torna independente da atenção e se “solta” na ocasião que foi prevista com anterioridade.

desconecta a carga, se procederá a difundir a energia como ocorre em toda finalização desta quaterna.

Passo 9.- Segunda acumulação. Divisão entre sensação na cúspide e tensão no plexo produtor, em crescente divisão atencional.

É possível a divisão atencional, como já se comprovou no passo 7.³ **(3)** A intenção é registrar simultaneamente a sensação de ambos os plexos. Estamos forçando a atenção ao seu grau máximo. Cada vez mais forte essa separação, como se pensasse com dois cérebros.

10º.- Separação das sensações puras. Solta-se abaixo e ficam sensações puras na cúspide. Eliminação de toda imagem na cúspide que impeça a acumulação energética. Novos lampejos e luz.

Solta-se a sensação do plexo produtor. Ficam somente as sensações na Cúspide. Produz-se um efeito elástico, de mola. Muitas imagens tendem a traduzir-se e converter-se, é o que normalmente faz a consciência, a divagação mecânica, e isso é o que se deve evitar reforçando a atenção. Aumentar a tensão de cima, mas eliminando a conversão de imagens. Aparece uma imagem e se rebate, se ignora e a tensão vai aumentando.

11º.-Transformação energética. Registra-se uma mudança na energia geral do organismo e se observa uma mudança de “tom mental”. Fenômenos próprios da Força. Concomitâncias em todos os plexos. Controle e circulação da Luz.

Novos lampejos e “luz”; e não mais imagens. Registra-se uma mudança no tom geral. Há mais oxigênio, se soltou adrenalina. Nota-se uma sorte de energização geral que dura instantes. Não é uma mudança de tom da imagem mas sim no tom corporal. Mais desperto, mais energizado. Fenômenos da Força e circulação da luz. Energiza-se tudo, coloca-se em situação radiante.

12º.- Projeção Energética. Possibilidade de introjetar ou externalizar a energia psicofísica. A projeção ou introjeção da energia psicofísica é guiada copresentemente pelo Propósito configurado previamente. É como quando se faz um pedido, coloca-se em uma situação mental onde isso, que se deseja fervorosamente, é um pedido que dá a impressão que vai com muita força e intensidade. A sensação é que vai para fora de si, que algo “sai” de si mesmo. Ou melhor, quando trata de se introjetar se toma algo para que vá para si mesmo. Como se pedisse por si mesmo, inteligência, clareza, maior nível de consciência, e disso se tem um registro.

A introjeção pode ser verificada em máxima lucidez, enquanto que a externalização participa de algumas características dos estados alterados de consciência.

Observações sobre os passos 11º e 12º.

Quando se começa a observar na rotina diária os fenômenos de circulação da Luz, da Força e das concomitâncias em todos os plexos, se está em condições de potencializar a energia. Para isso se pratica a rotina desde a criação do âmbito, e imediatamente se desenvolve a carga no plexo produtor enquanto a energia sobe até a cúspide. Começa o passo 9º no qual se solta a referência do plexo produtor e toda atenção vai ao espaço localizado na cúspide que se foi constituindo em “ponto de controle”. Está em condições de se produzir a Separação aumentando a carga até o limite e, desse modo vai se ampliando o limite de tolerância.

Ali começa a transformação energética do passo 11º. Com a atenção concentrada no ponto de controle, o crescimento da tensão deve produzir ali a “ruptura de nível”. Assim é que, a projeção energética do passo 12º se expressará desde o ponto de controle no momento da ruptura de nível. Isso é possível porque se trabalhou o Propósito de externalizar ou introjetar a energia antes de começar a rotina. O fenômeno se expressará no momento de “ruptura de nível. As rupturas de nível

³ Já se conhece o mecanismo da divisão atencional. Por exemplo, se atende a dois textos que são escutados simultaneamente e quando se esforça a atenção não fica espaço para divagar, vai se exercitando e logo se podem relatar ambos os textos.

são anomalias do psiquismo. Estamos nos referindo à ruptura de nível habitual do funcionamento da consciência, não estamos falando dos níveis de consciência. O tema da força e das concomitâncias é um fenômeno de ruptura da sequência normal.

É claro que o Propósito, fortemente configurado, orientará o deslocamento energético não desde o centro atencional (ocupado no ponto de controle), senão copresentemente.

O TRABALHO METÓDICO DA DISCIPLINA ENERGÉTICA.

Pode se compreender o trabalho em seus pontos mais importantes quando está claro o Propósito prévio à execução da rotina total e quando se domina a prática de todos os passos.

A.- Depuram-se as tensões, os tons e os climas orientando o trabalho para a difusão.

B.- Cria-se o âmbito mental. **Preparação, passo 1º.**

C.- Apelando às 3 vias, cresce a elevação do tom geral da energia que ainda se mantém difusa. Paulatinamente, a difusão vai desaparecendo e os diversos impulsos vão se traduzindo em energia localizada até chegar a **Concentração do passo 8º.**

D.- Começa a carga direta no plexo produtor e a energia vai subindo rapidamente através dos plexos até a cúspide. Há divisão atencional, chegando à **Segunda Acumulação do passo 9º.** Continua-se carregando, enquanto se vai soltando a referência do plexo produtor e a atenção fica concentrada na cúspide. **Separação do passo 10º.** Continua-se ampliando o limite de tolerância até que começam os registros. **Transformação energética do passo 11º e Projeção energética do passo 12º.**

E.- Distribui-se a carga difundindo tensões, tons e climas.

DISCIPLINA MENTAL



Na essência da Disciplina Mental está a busca daquela liberdade que permita ao operador subtrair-se das determinações e dos condicionamentos da própria consciência, transcendendo para estruturas universais.

O *modus operandi* desta disciplina é a meditação. Podemos distinguir vários tipos de meditação. Antes de mais nada, nos coloquemos de acordo em precisar o que é meditação, e também em definir os diferentes tipos de meditação que existem.

Existe uma meditação natural na qual o pensamento atua como reflexo frente aos estímulos; trata-se de uma atividade reflexiva da consciência partindo das coisas que se percebem. Por exemplo: Vejo a escada e medito sobre isso. A meditação natural leva em conta os fenômenos externos. Não se trata propriamente de um tipo de meditação, mas de uma atividade natural da consciência que se propõe a resgatar as apresentações que a natureza ou o meio em geral colocam diante dela.

Na meditação simples a atitude do pensar vai mais além de um reflexo diante de algo. A mente aprofunda e busca a raiz de incógnitas ou interesses em geral. A meditação simples é um passo mais avançado, vai mais além da “ditadura” do objeto que se apresenta diante de meus olhos.

Aqui se vai mais além da simples apresentação, busca-se resolver incógnitas. Esta atitude inquisitiva, investigativa e de mergulho (exploração) da consciência é uma ponte para a Disciplina Mental, que é o terceiro tipo de meditação.

A meditação simples é indispensável para abrir o terreno meditativo fazendo, pouco a pouco, cessar os devaneios, os conflitos e os temas alheios a essa prática.

A Disciplina Mental enfatiza nos atos de consciência e não nos objetos de consciência, ainda que necessite referir-se a estes continuamente. O meditador se move em um clima de certeza e dúvida, de certezas e ambiguidades até dar com o ponto experimental verdadeiro, quer dizer, que ainda que os passos estejam claramente expressados, a experiência de cada um é tarefa árdua e se realiza provando por uma ou várias vias até dar com precisão com o significado exato, surgindo a certeza e segurança da meditação. Interessa levar em conta isto porque é da natureza do pensar e da meditação essa dúvida e certeza alternada.

Há numerosos temas relacionados com a Disciplina Mental, como é o caso dos níveis de consciência. Aqui, a concepção da consciência é essencialmente dinâmica e histórica e a diferenciação em níveis ilumina a diversas classes de atos segundo se efetuem em semi-sono, durante o sono, em vigília ou em consciência de si.

Os objetos mentais tomam características próprias do nível de trabalho da consciência. Vou transitando pelos diferentes níveis e, por conseguinte, estes atos e objetos vão sofrendo modificações. Interessa assinalar este ponto para não crer que somente os atos mais lúcidos serão importantes para a Disciplina.

Além disso, é importante destacar que o processo do pensamento vai tendo correspondência com o funcionamento dos centros de resposta.

Então, determinada a faixa de trabalho mental começa-se pela entrada à consciência, para mergulhar nesta, descobrindo no 5º passo a forma mental para transcender para estruturas universais.

PASSOS DA DISCIPLINA MENTAL ¹

Primeira quaterna: a aprendizagem

1º.- Aprender a ver. Atenção à percepção depurando-a de representações, associações, etc. Somente a atenção mais a percepção... Fico somente com o ato de “ver”. O que vejo vem acompanhado de outros fenômenos, por isso me esforço em “ver” somente, eliminando outras operações mentais. Vejo diferente. Comprovo a ação dos devaneios, das lembranças e das “buscas” sensoriais como interferências. A suposta “realidade” é vista por mim de um certo modo. O como “aprendemos a ver” não está dado naturalmente. Então a atenção está se colocando em como vejo o objeto, o centro de gravidade foi deslocado. Somente a atenção mais a percepção. Aí opera o aprender a ver.

2º.- Ver em todas as coisas os sentidos. Em toda coisa que se percebe está a sensação (o dado dos sentidos) mais a coisa. Exemplo: a percepção da árvore. As sensações tácteis, auditivas, visuais, etc., dão resultados diferentes sobre o mesmo objeto, pois se tem somente faixas de percepção sobre o mesmo objeto, o que encadeia todo conhecimento aos sentidos... Aparece a “distância” entre o objeto e eu. A sensação e a coisa. Não fico com a coisa, mas sim com as percepções. Coloco atenção na sensação que percebo e ao que realmente é essa coisa. Com certeza, não coincide.

Neste passo se compreendem os mecanismos de “identificação”. O objeto percebido e o sentido que o percebe aparecem “fundidos” como um só fenômeno.

Não é como na concepção dos sensualistas ou como na antiga concepção da consciência como *tábula rasa* (*consciência passiva*) que não tem nenhum conteúdo e tudo vem de fora. Assim que se os sentidos estão equivocados... estamos com problemas.

Atendemos a ver a diferença entre a sensação e a coisa. Conforme venham os dados por um sentido ou por outro, tenho diferentes faixas de percepção da realidade. Se os dados se apresentam pelo lado da visão tenho certos registros, pela audição outros, pelo tato outros, e assim seguindo com os diferentes sentidos. A imagem que tenho de um objeto por um ruído é muito diferente ao objeto visualizado. Os sentidos fazem uma atividade “discriminatória” (diferenças entre faixas de percepção do mundo fenomênico). Então quando faço a configuração final de um objeto, faço-a pelas faixas de dados que chegam pelos diferentes sentidos. Por exemplo, esse líquido é preto para a vista, mas é café para o paladar e calor para o tato.

Da mesma maneira, diferentes posições, diferentes pontos de vista, ou seja diferentes perspectivas sobre um mesmo objeto, proporcionam dele diferentes “realidades”.

Vão se propondo muitas reflexões a partir das compreensões destes primeiros dois passos. Aparecem as perguntas sobre a verdade da percepção e sobre as faixas por onde se apresentam ditas percepções.

3º.- Ver nos sentidos a consciência. Em toda percepção tem-se uma estrutura que não está nos sentidos, mas sim na consciência, por exemplo, a “árvore”, porque as diferentes sensações se

¹ É conveniente instalar-se na vida cotidiana para aprender os passos e exercitar as rotinas. Isto se afasta bastante da ideia que se tem sobre o silêncio, a quietude e o retiro dos sentidos como situações que se devem buscar com a finalidade de realizar uma meditação construtiva. Com certeza, na repetição das rotinas de quaternas completas e na rotina da disciplina total, o meditador necessita colocar uma certa distância entre ele e as solicitações sensoriais. Porém esta não é uma condição mas sim se trata de uma economia de esforço para conseguir a concentração mental adequada. Frequentemente se usa um mesmo tipo de paisagem para exercitar os passos e isto permite fazer ressaltar as diferenças dos procedimentos usados.

organizam na percepção e esta percepção se organiza em uma estrutura ou âmbito maior (a consciência). Deve-se distinguir, dividir a estrutura que organiza a consciência, das percepções. Além disso, deve-se realizar a divisão e não somente entendê-la... Não me chegam coisas soltas (formas e cores isoladas), mas sim estruturas, por exemplo, formas e profundidades. Observo a atividade de algo que não é o sentido, mas sim a consciência. Eu registro isso como algo conhecido.

Em toda visão da realidade está a consciência. Ainda que sejam diferentes as faixas do que me chega da "realidade", é a consciência quem determina este assunto. Faz as estruturações e dá o toque final e me faz dizer: isto é um marciano. A consciência com sua "ditadura", tem a palavra final. A consciência sempre intervém na configuração do objeto. É como uma "velha intrometida" que se mete em tudo e quer conseguir que o percebido seja confiável, quer sempre "levar-me a um bom porto". Quer dizer, a consciência sempre termina configurando, representando toda a informação que chega pela percepção. São apresentadas incógnitas nestas operações e se busca resolvê-las. Assim como o objeto "se mete" comigo agora eu "estou me metendo" com o objeto. Aqui é onde se compreende que a consciência infere mais do que percebe, fenômeno que dá lugar ao ilusório.

4º.- Ver na consciência a memória. Observa-se que em toda percepção estão os sentidos, que a consciência organiza os dados dos sentidos e finalmente, que estes dados organizados na consciência têm estrutura graças à representação ou a recordação de percepções anteriores. Assim é que a consciência organiza e reconhece, graças a memória, as gravações anteriores. Efetua-se o esforço de fazer desaparecer toda percepção e ficar somente com a consciência e suas imagens-representações mais a atenção sobre isso...

Não se estrutura em um círculo fechado, mas recorre-se à memória. É graças a memória que posso reconhecer aquilo que vem pelos sentidos: "Isto é um marciano e eu já o vi antes em algum lugar".

Vemos também as falácias de algumas correntes de pensamento. Por exemplo: alguns propõem ver as coisas sem condicionamentos. Isso é uma simples frase. Isso não é possível. Uma consciência da realidade sem memória não é possível, porque há condicionamentos que provém da memória, de experiência acumulada. Claro, aspiro isso, ver sem condicionamentos, mas como se faz? Aí estão as diferentes faixas de percepção, o que chega a mim, mas agora aparece um terceiro termo que me complica. O objeto, os sentidos, a consciência, e agora a memória. Este terceiro termo complica tudo. Esta aparição da memória é muito interessante na resolução de incógnitas. A "ditadura" da memória se agrega agora à "ditadura" do objeto, à do sentido, à da consciência.

Aqui termina a primeira quaterna que deixa muitas incógnitas sem respostas. Se fico nesta quaterna, até teria dúvidas para sair à rua, não saberia a que me ater. Coloco a atenção em mim ou na buzina? Há uma certa desreferenciação, caem antigas crenças, ao mesmo tempo que surgem novas compreensões sobre a "realidade".

Segunda quaterna: A determinação.

5º.- Ver na memória a tendência. Observação da "forma mental" não como representação mas sim como ato que tende a ligar-se a um objeto de representação. Portanto, se observa nas representações a tendência. O esforço mostra a tendência da memória (representações) a surgir completando atos... Todos os fenômenos que me aparecem são feitos na memória. A memória completa os atos que a consciência lança.

Agora aparece algo mais. O que significa a tendência, a que veio? Vou ver na memória a determinação. Um mecanismo de funcionamento, com os atos e os objetos incessantes, que me condiciona em uma direção. A memória que parecia tão dócil, uma reprodução da realidade, agora vem com imposições. Com uma tendência e imposição. Assim podemos observar a forma mental,

essa estrutura ato-objeto. Até agora havia visto objetos, mas agora tenho que observar a forma mental. Não é uma representação, não é uma imagem, então o que é? É algo onde eu estou localizado. É esse âmbito de minha consciência que se move dentro de certos parâmetros. Mas não é uma representação; estudo esta forma como uma estrutura, não como um objeto. Não vejo objetos, agora vejo essa forma mental que está em mim. A forma mental é um atributo de minha consciência. E eu não posso visualizá-la como um objeto, mas sim como um conjunto de atos. Estabeleço então diferenças entre um ato mental e um objeto Vejo que os atos sempre estão trabalhando e apontando a objetos, em que a consciência busca seu descanso. A forma mental tem a ver com a articulação desses atos que se completam em objetos. Estou "submetido", condicionado pela forma mental. Estou metido em uma forma mental de atos que buscam completar-se, acertada ou equivocadamente. Indefectivelmente os atos estão ligados a objetos. São estruturas noético-noemáticas. Não posso separar nesta estrutura os atos dos objetos porque tem uma relação indivisível. Não falamos somente de dados hiléticos (materiais), mas também de objetos mentais.

Apresenta-se o fato da estrutura ato-objeto, esse determinismo que se impõe como forma mental.

6º.- Ver na tendência o encadeamento. Observa-se que mesmo prescindindo das representações, o esforço por eliminá-las surge como expectativa, como instante no qual se alcança ou não tal estado, como atenção dirigida mas determinada. Em suma: as experiências, as resistências mentais e os esforços observamos como "forças" ou "tendências" em que está encadeada a consciência e sem as quais parece não possuir estrutura organizada. Este passo mostra que sem a "tendência" em geral, a consciência não pode atuar. Trata-se, em suma, de atender à "mecanicidade" para pensar, atender ao encadeamento da consciência ou a oposição a "tendência"... Trato de frear os atos e o funcionamento. Pretendo "esvaziar", mas sempre há atos e objetos e movimento.

Então há um encadeamento na tendência. "Vou pensar, mas sem representações", digo a mim mesmo. É uma ingenuidade psicológica, já que também tenho imagens e representações cenestésicas. Fazemos a prova, imaginemos um parafuso de 12 polegadas. Agora tiro essa representação, agora não o verei mais, digo a mim mesmo. Sim, mas vai aparecer de novo; fica em co-presença e depois volta, aparece novamente. O esforço por eliminá-las surge como expectativa. Por um instante consegui não ver o parafuso mas de novo!, aí está. Você o tem "parafusado" no cérebro. A maldita expectativa me encadeia, aí estou sempre apontando ao momento seguinte. São os determinismos do pensar, atos e objetos que mutuamente se requerem.

7º.- Ver no encadeamento o permanente. Observa-se que não obstante as variações das expectativas, das "resistências", dos instantes de consciência, o permanente é o encadeamento... Não há outra forma de atividade que não esteja encadeada.

Então com tanta "ditadura", aparece todo este encadeamento e determinismo, descubro que no encadeamento está o permanente. São diferentes operações mentais, mas todas imposições nas que observo esse encadeamento de atos e objetos. Troco de canal, tento ver outro filme, e aí estão as expectativas. Faço experiências para ver em que configuração me sinto livre e vejo que não é possível. Estou absolutamente "controlado". São determinismos e lhes chamo de encadeamento.

Há uma busca de liberdade que possa tirar-me do encadeamento, mas descubro que o único permanente é esse encadeamento dos atos aos objetos mentais. "Então dedico-me somente aos atos, vazios", digo a mim mesmo. Bem, isso não é possível. Estou encerrado em uma consciência encadeada em sua estrutura básica. Observa-se que a consciência tem uma estrutura e um funcionamento que para mim são ineludíveis.

8º.- Ver o permanente no uno e no todo. Observa-se que a diversidade dos fenômenos é aparente e que todo fenômeno é em si, encadeamento...Vale para a consciência em si como para a coisa em si, e, portanto, a consciência e as coisas se identificam em si e não enquanto fenômeno. Assim é que a identidade é permanente e a diversidade é variável. O uno e o todo são idênticos e permanentes. Não existem distinções entre o uno e o todo... Pergunto-me pelo outro - que não - eu. Também o mundo "externo" apresenta-se a mim estruturado.

Isto é uma curiosidade. Vejo que as árvores crescem, o outono e o inverno, tudo vai mudando. Como ver o permanente? Como é isto? Encontro-me com a natureza diversa, a diversidade dos fenômenos, mas em tudo isso está o encadeamento. E vejo que todo fenômeno mental em si, implica encadeamento. A coisa em si, ou a consciência em si, estão encadeadas. Identificam-se em si, tem identidade enquanto tais e não enquanto fenômeno. Cada vez me encontro com mais coisas que me impedem liberar-me.

Aparece a pergunta sobre a intersubjetividade: Como é possível que uma consciência possa se comunicar com outra? Como é possível uma mesma representação em duas consciências diferentes? Onde está o comum: na representação ou na natureza da consciência? Estamos em um contínuo trabalho de investigação, que é de uma tensão muito grande.

Aqui termina a segunda quaterna, com mais complicação que a primeira, mas com compreensões mais profundas sobre o funcionamento da consciência, seus condicionamentos e suas limitações.

Terceira quaterna: a liberdade.

9º.- Ver a forma permanente em ação. Observa-se que a forma permanente aparece mesmo na diversidade dos fenômenos, sejam subjetivos ou objetivos. A forma permanente atua por sua própria necessidade... O salto na sequência. Ruptura do solipsismo. ²

Ainda na diversidade dos fenômenos há uma forma permanente, entendendo por forma a estrutura ato-objeto, consciência-mundo. Pode-se ter diversidade de apresentações, mas é efêmera. Passa de um ponto A a um ponto B, tem mudança de posição, mas se apresenta sempre a forma permanente. Comprovo que essa realidade diversa é a mesma apresentação, mas em diferentes campos. Observo que o permanente pode mudar de posição. O permanente pode ser visto em dinâmica.

Essa forma permanente sempre tem essa fixação em si. Se apresentam as coisas com variações mas detrás das variações observa-se a permanência da forma. O mundo e a consciência existem de um modo permanente, mas há variações dessa permanência. A forma é permanente em si, mas diversa em suas manifestações.

Esses atos-objetos se requerem mutuamente e não podem explicar-se um sem o outro. Tudo o que ocorre com a economia da consciência tem a ver com o mundo, é a consciência quem dá razão desse mundo. Aí estão os fenômenos naturais. Como se desvela seu significado, se não é porque existe uma consciência? O mundo como tal não existe sem a consciência, o planeta Terra não existe como mundo, mas com a participação da consciência que dá identidade a tudo.

Ao descobrir que a estrutura consciência-mundo é válida para toda consciência e atua por sua própria necessidade, se produz a ruptura do solipsismo, iniciada a partir da pergunta pela intersubjetividade (no passo 8).

10º.- Ver o que não é movimento-forma. Pode se intuir um âmbito alheio à forma e ao movimento-forma que não surge como o "nada", mas sim como "aquilo que não é movimento-forma", quer dizer, como aquilo que se capta como existente em relação com o movimento ainda

² Solipsismo: (Do latim *solus ipse*, somente si mesmo). 1. m. *Fil.* Forma radical de subjetivismo segundo a qual só existe ou só pode ser conhecido o próprio eu.

que suas características sejam diversas as do objeto tomado como referência. Este "não é movimento-forma", não depende do encadeamento.

Movemo-nos em atos estruturais. O que não é ato-objeto é o complemento do que é objeto, é como o complemento do mundo. O que falta ao ângulo para completar-se, é como o negativo do filme. Trata-se de tudo o que falta à minha consciência, e é graças a isso que pode mover-se.

Não surge como o nada, o que não é movimento-forma. Não fico com o nada. O que é isso que não é movimento-forma mas que escapa? Não depende do encadeamento. Assim que é possível um não-movimento forma que não fique encadeado, que tem muito de arbitrariedade. Ou você fica no encadeamento ou sai dele. E quando nego o encadeamento, me encontro com algo que escapa da consciência, do encadeamento dos objetos, das paisagens. Algo que não depende dessas determinações que viemos encontrando.

Ao dar-se essa intuição-compreensão se produz uma ruptura de nível.

11º.- Ver o que é e o que não é como o mesmo. Observa-se ao movimento-forma e ao que não é movimento-forma como o que é.

Descubro que o movimento-forma e o não-movimento-forma SÃO, que têm uma mesma identidade essencial.

12º.- Ver no uno e em tudo o mesmo. Observa-se que o "mundo" e, por conseguinte "si mesmo" e cada coisa são na raiz e independentemente dos fenômenos que se percebem, o mesmo. Desaparece toda distinção entre eu e o outro e entre as coisas mesmas

Aqui terminam estas reflexões extraordinárias, um modo de meditar sobre os encadeamentos das apresentações, aquilo que aparece diante de mim, provenha de fora ou de dentro; sobre os fenômenos de consciência que, igual ao peixe que não vê a água, estão sempre atuando e raramente os observamos. Esta reflexão nos leva a abstração máxima, a aquela vivência do profundo onde o que é e o que não é se registra como a mesma coisa. Não estamos falando de uma fina redução teórica, mas sim da consciência que transcendeu os condicionamentos de origem, os condicionamentos da espécie.

Aquela situação de "asfixia" da segunda quaterna, pode finalmente encontrar sua saída na terceira quaterna se, ao trabalhar com perfeição nestes passos se chega à experiência das estruturas universais definitivas. Aparece outra realidade.

Resumo dos passos.

Este é um método de revisão de todos os passos. Os processos de "ida e volta" permitem desestruturar a sequência, cada passo torna-se independente dos antecedentes ou dos consequentes. É muito interessante esse descondicionamento, poderia também ser um bom treinamento para entrar na Disciplina. Com estes passos de ida e volta e algumas considerações, chega-se a condições mínimas de perguntar pelo mundo. É muito habilitador para introduzir-se nestes trabalhos.

Sequência do 1º ao 12º. Visão de ida e volta.

Ida:

- 1º. Atende-se aos objetos externos por diferentes sentidos (devaneio)
- 2º. Deixa-se o objeto e se evidencia uma sensação-percepção (identificação)
- 3º. Divide-se entre percepção e organização da consciência, apoiando-se ou não na representação (distintas organizações dão distintas ilusões)
- 4º. Na memória se descobrem gravações e atualizações contínuas para reconhecer objetos (compreensão)

- 5º. A intencionalidade, tanto da consciência quanto da memória, é experimentada como "uma tendência" (forma mental)
- 6º. Mediante a tendência se estruturam atos com objetos (determinismos)
- 7º. Este encadeamento é permanente (determinismo da consciência)
- 8º. Este encadeamento é comum à consciência e ao mundo, atos com objetos, objetos entre si (consciência-mundo, intersubjetividade)
- 9º. Ato-objeto, consciência-mundo é "movimento-forma" (âmbito estrutural)
- 10º. O que não é ato-objeto é completamente relativo ao ato-objeto.
- 11º. Ato-objeto e seu complemento, são uma mesma estrutura.
- 12º. Esta mesma estrutura é válida para tudo. Comum a tudo, grande ou pequeno.

Sequência de 12º ao 1º. Visão de ida e volta.

São aproximações, exercícios de ida e volta. A sequência do 1 ao 12 que prepara ao meditador, também pode se tentar do passo 12 ao 11. Daí ao 10, e assim seguindo. Há relações ao chegar ao passo 9, são diferentes a consciência e o mundo, mas vem de um mesmo âmbito. A consciência está em contínua atividade em direção aos objetos. O entrecruzamento dos tempos que se dão em um instante, é o tempo futuro o que determina o passado. Nesse entrecruzamento está o instante e aí posso ir ao futuro. Posso imaginar adiante e posso recordar o que aconteceu. Esse estar atuando do que ainda não é, são os projetos. Isso que está por completar-se, os atos de consciência que ainda não são, é o futuro.

A consciência além disso tem capacidade de estruturar, os dados do mundo caem em seu campo e faz o trabalho de estruturá-los. Não se faz ao mundo porque sim, se faz para que haja uma consciência que o organize.

Volta:

- 12º. A estrutura total
- 11º. Nesta aparecem os âmbitos do que é e o que não é.
- 10º. O que não é, aparece como um vazio ou complemento do que é.
- 9º. O que é aparece como o movimento-forma, consciência-mundo.
- 8º. O mundo se vê percebido continuamente pela consciência. Relacionam-se.
- 7º. Tal relação se faz possível pela permanência do encadeamento.
- 6º. A relação ato-objeto é uma cadeia contínua e indissolúvel.
- 5º. A tendência da consciência para os objetos é constante atividade.
- 4º. A consciência tem 3 tempos: passado, presente e futuro. Isto graças à memória. De outro modo seria um presente plano sem recordação nem futuro.
- 3º. A consciência é em si uma estrutura, mas, além disso, tem capacidade de estruturar, capacidade de organizar os dados que chegam.
- 2º. Os dados são previamente levados aos sentidos e entregues a consciência como percepção.
- 1º. Fora da consciência, de sua estrutura, de sua memória e da percepção-sensação está a exterioridade, cheia de objetos e fenômenos, interessantes de ser atendidos.

TRABALHOS DE APROXIMAÇÃO

Pode-se fazer exercícios de aproximação aos passos sem confundí-los com os passos em si mesmos. Para o 1º, atenção por distintos sentidos a um objeto externo. Para o 2º, evidencia da

atividade de cada sentido e do conjunto deles na percepção (observam-se mais os sentidos que os objetos). Para o 3º, divisão entre a consciência estruturando e percepção (eliminado o objeto externo), por exemplo com um som, comprovando como a consciência o organiza. Para o 4º, exercícios de memória. Imersão de objetos, afloramento de recordações em geral (primeiro livro lido, primeira recordação familiar, etc). Tomamos aqui em conta que a memória pode ser recente, mediata ou antiga. Para o 5º, atende-se a um objeto que alguém subtrai rapidamente do campo perceptual. Comprova-se como o observador fica “tensionado” (em tensão para o objeto). Objetos concretos ou abstratos, o fato é ver a tendência a buscá-lo no futuro, passado ou presente. Para o 6º, esvaziar a consciência, livrá-la de objetos perceptíveis e representáveis. Isto evidencia a impossibilidade de alcançá-lo e, por isso, a cadeia permanente de atos-objetos e série de atos. Experimentam-se os passos 6º e 7º. Para o 8º, são vistos exemplos de cadeias no mundo e na consciência e é estudada assim a relação consciência-mundo. Pode-se observar em um quarto como se encadeiam os distintos objetos entre si: parede com parede, porta com fechadura, etc. Quer dizer, a cadeia consecutiva de objetos. Enquanto se observa isso, é mantida a copresença dos atos e objetos, a série de atos. Para o 9º, trata-se de experimentar ambas atividades (a externa e a interna) não tanto como simultaneidade, mas sim como um todo (trata-se de experimentar o movimento-forma, a estrutura consciência-mundo). Para o 10º, é feito o “vazio dinâmico”, não somente realizando o vazio de objetos, mas também de atos. Certamente, que se desatende ao que se vê, ouve, etc. Quer dizer, se desatende a percepção. Neste esforço, experimenta-se “isso-que-não-é-o-nada”, esse complemento do movimento-forma. Para o 11º, é retomado o realizado no 9º e 10º. Assim aparece a consciência-mundo (com esses apoios internos e externos) como “sobrenadando” esse vazio (no 11º, pode-se efetuar um exercício mais simples: pode-se ver o ato dirigido a um objeto externo enquanto se evita todo outro ato de objeto alheio aos presentes. Para o 12º, o trabalho consiste em registrar o anterior como uma totalidade que se pode expandir ou reduzir progresivamente. No esforço por expandir essa estrutura total (onde está o movimento-forma e seu complemento) se experimenta a ampliação ou concentração da consciência.

DISCIPLINA MORFOLÓGICA



ANTECEDENTES

Antecedentes da Disciplina Morfológica ou Formal são encontrados no ocidente com os pré-socráticos e, mais especificamente, com os Pitagóricos e Platão.

O tema das Formas (que é o tema da Disciplina Morfológica) tem seus antecedentes nos pré-socráticos. Em todos eles e em Pitágoras, aparece o tema da Forma Suprema. Em Pitágoras, tudo é número: o número é forma e possui estrutura interna.

Pode-se chegar a ver nos Pitagóricos os mecanismos com os quais trabalharam e os núcleos, através das formas: os números, a geometria, a música, ascendendo pela Gnosis (o conhecimento).

Parmênides, que é discípulo de Pitágoras, diz que a forma esférica é a forma perfeita. O Ser é Forma.

Em Platão, as Formas têm valor em si, por sua estrutura e seu significado. Com base nas Formas, constrói o mundo, o ser humano.

Esses antecedentes podem ser rastreados histórica e espacialmente.

Em Pitágoras, vê-se a influência das escolas orientais. Durante a juventude, viaja para o Egito, Ásia Menor e Mesopotâmia.

As Formas são buscadas como a essência da realidade. Isso perdura até Platão, que estuda a essência da realidade do ponto de vista formal, especialmente em Timeo. A realidade é manejada de acordo com formas, com base em triângulos e outras formas, buscando uma razão primeira. Inclusive o biológico, muito difícil de captar, é intuído como transformação dos triângulos que, ao se modificarem, podem se alimentar de outros e crescer.

Então, as transformações das formas podem explicar o vivo, são formas em ação; é uma raridade magistral. Paralelogramos, triângulos que explicam a coisa viva, as formas em ação e não formas quietas. Busca-se nessa proto-disciplina coisas mais elevadas que tem a ver com o desenvolvimento da consciência. Busca-se a forma pura, que faz ranger as engrenagens mentais, que as exige ao máximo.

Isso de buscar a forma pura exige um esforço mental totalmente diferente e se começa a pensar e posicionar-se de outra maneira, e a ter outro tipo de experiência. Independentemente de sua verdade ou das teorias, ao buscar a forma pura há um posicionamento que leva a outra forma de pensar e a outra experiência.

Não são substâncias que se ingerem, senão trabalho interno. Esses esforços e essas coisas fazem surgir experiências quase alucinógenas. Está se trabalhando com formas e de repente a realidade se ilumina, percebe-se de modo diferente, e é por tudo o que se vai fazendo com os mecanismos mentais que a experiência se produz. Não é pela forma, mas pelo trabalho com elas que se colocam em marcha todos esses níveis ou subníveis da consciência.

INTRODUÇÃO

Na Disciplina, trabalha-se com uma rotina, ou seja, com repetições de trabalhos. A substância mental é tão instável e móvel que não se sabe bem como se apresenta. Com a rotina, vai se fixando o trabalho. Se não se alcançam certos indicadores dos passos, não se pode avançar, porque senão a pessoa se confundirá mais adiante. A substância com que se trabalha é muito instável e se necessita uma rotina com indicadores claros, porque os registros não podem ser imprecisos. São indicadores dos momentos de processo. Quando se tem esse indicador, salta-se para outro passo. E isso vai sendo feito repetindo-se rotinas. Evolui para outra escala, para outro passo. Mas acontece que em toda essa experiência a pessoa vai se encontrando com momentos excepcionais. Os passos e indicadores formam uma estrutura mental, vai se formando uma estrutura mental que se completa com as compreensões dos fenômenos extraordinários ao longo do processo.

No espaço de representação, pode-se diferenciar o objeto representado do olhar ou do registro a partir do qual se observa ou se tem noção do objeto. Na representação visual, isso é muito claro, mas corresponde igualmente a todos os sentidos internos e externos.

Por outro lado, distinguimos três tipos de profundidade onde se localizam as representações: 1.- representação em "tela"; 2.- integração; 3.- inclusão ou coincidência da forma limite com a "tela externa". Estes diferentes tipos de representação são trabalhados nos exercícios preliminares à Disciplina.

Na Disciplina, trabalha-se somente com representações nas quais se está incluído. Trabalha-se com a espacialidade da consciência; tal espacialidade é a que permite falar de continente e de conteúdo.

Essa espacialidade configura-se segundo as formas pelas quais se transita e, conforme o limite, será a ação que sofra tal espacialidade e os outros conteúdos (próprios dessa espacialidade). Estamos falando de uma espacialidade variável, elástica, que se adapta às representações. Não há um espaço mental fixo; é o próprio espaço que ganha características diferentes.

Na Disciplina, atua-se, então, segundo formas que não são alteradas pelos fenômenos de compensação. O estímulo evocado de tipo geométrico é o único que não é compensado pela consciência do mesmo modo que outras evocações, pela identidade que a forma geométrica contém em sua essência. Seja esta maior ou menor, sempre é igual a si mesma e, portanto, a ação de forma que se experimenta é similar. Poderia ocorrer o caso de que se representasse o limite dessa figura tornando-a transparente. Ao proceder assim, sua espacialidade voltaria a ser a espacialidade própria da consciência, e não a espacialidade da forma limite.

Das consequências vistas até aqui sobre a ação de forma da figura geométrica, consideramos de maior interesse sua capacidade de poder modificar a forma mental (ação de forma sobre forma). É claro que aquela que tem tal capacidade não é simplesmente a forma representável que tomamos como apoio, mas aquela que obtemos por processo.

ÂMBITO DE TRABALHO

Nesta Disciplina, trabalha-se diariamente, em um lugar tranquilo e o mais silencioso possível, sentado, em postura psicofísica relaxada, com os olhos fechados, de maneira que o corpo dê os mínimos sinais possíveis.

TEMPO DE TRABALHO

A preparação, o trabalho e as notas posteriores em geral não ultrapassam meia hora.

PROCESSO

Os registros (indicadores) serão dados pelos tempos internos e pela dinâmica própria do processo. São os registros psicofísicos (fenômenos concomitantes à ação de forma) que indicam o momento de passagem de uma forma a outra. De maneira que, estando o operador incluído na figura,

registra a ação de forma desse passo. Os registros vão se tornando mais claros nas reiterações de processo e na mudança de uma forma a outra.

PASSOS DA DISCIPLINA MORFOLÓGICA

Primeira Quaterna: espaço interno

Nesta quaterna, nos incluímos na forma.

1º.- Entrada. Configuração. Espaço. Inclusão na forma. As paredes internas da esfera. Distância da forma ao centro do registro. Destacar três momentos diferentes: o umbral, o espaço que foge e a esfera.

Neste passo, trabalhamos a Entrada configurando um Umbral que nos leva a um espaço diferente do cotidiano onde será desenvolvido todo o trabalho da Disciplina. Cada um deve construir sua própria alegoria, definindo se há degraus ou não, que forma vai ter esse Umbral, de qual material é feito cada elemento, cores, texturas, etc. Deve-se aperfeiçoar isso até obter uma Entrada fixa e “sagrada” (no sentido que marque a diferença com os espaços cotidianos e com os registros cotidianos).

A partir daí, transita-se para um plano branco que foge em todas as direções infinitamente. Tem-se a sensação de “ir para o mundo das formas”. Avança-se pelo plano que foge em todas as direções até o centro dessa superfície.

Aproxima-se o horizonte da frente. Aproximam-se os horizontes de ambos os lados. Aproxima-se o horizonte de trás. Forma-se um quadrado sobre o qual estou de pé. Esse quadrado se converte em um círculo. Estou no círculo e, ao redor dele, levantam-se pétalas, como de uma flor, que ao se fecharem sobre minha cabeça acabam formando uma semi-esfera. Estou incluído no centro de uma semi-esfera.

Agora, o plano começa a se curvar para baixo e se arma a esfera na qual fico flutuando no centro, equidistante de suas paredes.

Faço coincidir o limite da esfera com o espaço de representação. Não há nada fora da esfera. Está onipresente.

Desde observar “fora” e ser sustentado pelo “plano”, passa-se a estar incluído, o que marca uma interessante mudança de posição, de perspectiva e, em suma, de registro diante da formas.

2º.- Concentração. Começo a concentrar, levando a redução mínima de cor-extensão, tanto o centro de registro como a esfera, mantendo sempre a equidistância das paredes da esfera, até chegar a um ponto onde já não se registra a diferença entre forma e centro de registro.

Trata-se de uma redução ao ponto mínimo de extensão-cor. É desejável que a redução seja produzida sem interrupções. O válido é registrar o ponto: “o universo cabe nesse ponto”, porque ato e objeto se identificam ali; mas como, além disso, está se moldando o espaço de representação, serão arrastadas todas as atividades mentais e de registro. Deve ficar o ponto mínimo possível ao qual corresponderá o registro mínimo possível em um instante no qual se perde a noção do transcorrer. Esse “ponto adimensional de máxima compreensão” se manifesta, unicamente, se ocorre esse esforço concentrativo no qual o ponto desaparece e, portanto, desaparece todo espaço, todo tempo e toda representação. Neste passo, não se pretende chegar ali, mas se observa que, ao manter a atenção, pode-se entrar em um “espaço” de outro nível e sem representações, o que outorga uma experiência possível de desenvolver por recordação

(deformada), já que não é possível gravar uma não-representação (visual) e a ausência de todo espaço de representação.¹

Quando se chega ao ponto, já não se pode registrar a diferença com relação à esfera. Há um limite mental que é difícil de conceber, mas a esfera e o registro estão fundidos em um ponto.

Se fosse possível continuar com a concentração, poderia ocorrer que tudo desaparecesse.

3º.- Ampliação. Separação do olhar do próprio registro. Observar que, enquanto o passo 2 é fortemente concentrativo, o passo 3 é seu oposto, em uma espécie de pêndulo sem corte nenhum, como corresponderá a um processo; mas por enquanto se continua “construindo”.

Do ponto ao qual se chega no passo 2, começa-se a ampliar a esfera, mas sem diferenciar registro de forma, até um tamanho manejável.

Estou difundido nesse espaço ampliado. Não estou como centro de operações. Me expando com a esfera e toda essa concentração do passo 2 me permitiu fundir-me com ela. Agora sou a esfera.

4º.- Transição. Através dos cinco sólidos. Saída à esfera. Os registros que vão acompanhando as transformações dos “corpos” quanto às tensões, simetrias e pesos vão mostrando que se pode alcançar o espaço de representação, “massageá-lo” e, com o tempo, modificá-lo.

Parte-se da esfera com um tamanho manejável, para logo transformá-la em cilindro, cone, pirâmide, cubo e esfera.

O que segue são exemplos e conteúdos associados muito pessoais de como se podem ir produzindo essas transformações de um corpo em outro. São somente exemplos e pode haver distintas variantes para transformar um corpo em outro, o importante é que se passe de um a outro com fluidez e não aos saltos.

Por exemplo, na esfera inicial se aplanam os extremos superior e inferior, que vão ser a base e o teto do cilindro. Os lados se estreitam e estiram, como se passassem por um torno. Registro sua ação de forma: sinto como me alongo e estico.

O cilindro se transforma em cone, ampliando a base circular e afinando as paredes em direção ao vértice. O básico é a base larga e a ponta que gera tensão em direção a ela.

Logo as paredes começam a se facetar. Experimento a base sólida, quadrada e a rigidez das 4 paredes ou triângulos. São compensadas as tensões dos vértices da base com o da ponta superior.

Logo, com base nesse quadrado de base, forma-se o cubo, também duro e rígido, mas se registra mais amplo e proporcionado, não se impõe tanto como a pirâmide. Sua ação de forma tem tensões compensadas por sua simetria.

Em seguida, são abrandados os ângulos, arredondados os vértices, e é de dentro para fora que vai crescendo a esfera e abrandando o cubo.

Termina-se a quaterna voltando à esfera onde agora está diferenciada a imagem do registro de si mesmo. Busquei separar novamente o registro da forma. A esfera me inclui.

Não se faz o exercício para compreender as formas, mas sim para manejar o espaço. É tudo um truque para massagear a cabeça. Talvez um geômetra esteja interessado em entender isso das formas, o nosso é um trabalho sobre o espaço de representação que, utilizando os corpos geométricos, permite “massagear” esse espaço.

¹ Certamente, os fenômenos seguem transcorrendo, mas o esforço do mínimo como objeto identificado com o registro, corta o instante. Se fosse possível alongar esse “transcorrer vazio”, se captaria a idéia de “tempo sagrado”, que não é o tempo sagrado externo (das celebrações religiosas, dos momentos equinociais, etc.). O tempo sagrado, assim como o espaço sagrado, tocam-se nesta via e não se contaminam tampouco com o “espaço sagrado” referido a templos, lugares de culto e peregrinação, etc.

Por isso, está encarado como disciplina, é um processo no qual se vai representando e não se pode passar para outro passo até que não se tenha o registro.

Segunda Quaterna: o vazio interno

Deve-se levar em conta que a tônica geral desta quaterna é o Vazio Interno.

5º.- Difusão. Desde o registro geral difuso da esfera em sua interioridade, até o registro dos limites, criando o vazio central. Isto ocorre quando se reforçam os limites internos.

A partir dos cinco sólidos, termina-se outra vez na esfera. Parte-se do passo 4 com um registro geral difuso de flutuar na esfera, e claramente tenho o registro de haver “massageado”, de haver modificado o Espaço de Representação pelas variantes das propriedades dos corpos anteriormente representados. Agora coloco meu interesse no limite interno da esfera e desapareço como centro de registro. Estou em configurar o limite (sempre interno, supostamente).

6º.- Verticalidade. O reforçamento dos limites opostos no Côncavo, desde a “tigela” até a “abóboda”. A separação vertical como “mandorla”. O alto e o baixo no espaço de representação.

Reforçados os “cascos” côncavos (em suas completas circularidades), desaparecem os limites anteriores que permitiam a esfericidade. Os cascos se apresentam separados gerando um vazio nos limites anteriores que tendem a “preencher-se” por memória, por copresença do trabalho no interior da esfera. Ao evitar que a partir dos cascos se reconstrua a esfericidade, - é gerado - e experimenta-se um vazio dinâmico constante entre os dois “cascos”.

Tomo referência da dimensão vertical (y). A partir dali reforço a abóboda (casquete superior) e a tigela de baixo (casquete inferior) até que apareça a tensão produzida pela mandorla. Desaparecem os limites anteriores que permitiam a esfericidade.

Ambos casquetes têm que ser completados, na frente e atrás, e sempre internos.

7º.- Horizontalidade. O reforçamento dos limites opostos, nas tensões horizontais: o largo e o profundo.

Tomo referência da dimensão horizontal na largura (x), reforçando os dois casquetes ou segmentos (internos, supostamente) da esfera, um em cada lado e opostos nas tensões horizontais na largura.

Finalmente na dimensão da profundidade (z), reforço os dois casquetes ou segmentos da esfera: um na frente e outro atrás (internos, supostamente), opostos nas tensões horizontais no profundo.

A transformação de uma dimensão em outra é como se fôssemos iluminando alternadamente primeiro as duas verticais, em seguida as duas horizontais, e assim por diante.

8º.- Anulação. O vazio central nas distintas dimensões e a desaparecimento do instante. Oscilação entre o vazio espaço-temporal e a recordação do vazio espaço-temporal.

Neste passo, desaparecem também os casquetes da esfera do Passo 7 (como representação visual) e volta-se a configurar os limites internos da esfera, agora copresentes (na realidade “presentes” porém como registro cenestésico-cinestésico). Minha atenção está colocada em toda a superfície interna da esfera, com tensão centrífuga para os limites da esfera, criando o vazio central.

Recordemos que:

Neste passo 8º chega-se ao “vazio central”, porém com uma mecânica diferente daquela do passo 2º que não implica a compressão, mas sim o reforçamento dos limites. Neste passo volta-se a configurar os limites internos da esfera – difundindo a atenção para as paredes internas com a tensão centrífuga para toda a superfície interna da esfera, o que leva forçosamente ao vazio central produzido pelo reforço da exterioridade ou materialidade das paredes esféricas (presentes ou copresentes já que desapareceram como representação, porém continuam atuando como

limites não obstante sua diluição). Se foram eliminados os dados hiléticos (materiais) da representação, de todas as formas a atenção está colocada nos limites internos que se evanescem, ficando estes copresentes porém não representados como imagem visual. Então, é possível produzir o vazio central apontando com força às paredes internas da esfera, ainda que esta perca “materialidade”, ainda que se diluam os limites também como representação, porque ali estão copresentemente (ou “presentemente” como representação não visual) prendendo a atenção que vai para eles centrifugamente. No vazio central, está se apresentando o “vazio do vazio” porque este “funciona” sem copresenças do central, enquanto que as paredes esféricas (ainda que tenham desaparecido em sua “materialidade”) estão copresentes e a elas se refere a atenção.

Pode-se fazer desaparecer os dados hiléticos e, contudo, continuar atuando as tensões que atuam desde memória, sem ter esses limites que antes eram considerados.

Não se vêem, porém continua a tendência para esses limites. E não se vêem porque foram eliminados, porém continuam atuando ainda que não estejam presentes. Aqui se evidencia o efeito da ação, que está copresente.

Esse é um caso de ação de forma sobre a própria forma. E não basta dizer “agora fico no vazio mental”, que se produz o vazio. Assim não é possível, seria preenchido de coisas. Não há outra forma possível para produzir o vazio, senão reforçando as paredes. Em seguida fica operando a tendência para as paredes que não existem. Então somente fica um vazio sobre outro vazio, e não porque se tenha proposto fazer o vazio.

Terceira Quaterna: Comunicação de Espaços

A Primeira Quaterna está dedicada aos espaços internos. Ali nos incluímos na Forma. A Segunda Quaterna está dedicada aos espaços vazios. A Terceira Quaterna está dedicada à comunicação entre espaços. Aqui se dão os espaços sem limites, como passar de um espaço a outro, a comunicação entre o plano e o corpo. A organização dos espaços.

9º.- Surgimento. O plano e o corpo deslocando-se em espaços mutuamente envolventes. A entrada e saída do côncavo ao convexo. As distintas formas sensoriais e sua convergência no espaço de representação.

No vazio se faz surgir o registro do “central” que pode ser associado a um ponto luminoso. Esse ponto luminoso vai crescendo como esfera até rodear-me completamente. Expande-se o registro e a noção das paredes da esfera até estabilizá-los de um modo permanente. Tomando o registro vertical começa a subir o “plano”, começa a levantar a metade inferior da esfera e as pétalas a se soltar até que coincidem no mesmo plano branco que foge infinitamente em todas as direções. Experimento o espaço branco sem limites em todas as direções e estou “fora”. O registro se “apóia” sutilmente (como representação cinestésica) sobre o plano. O plano se deprime até se converter em um espaço côncavo cada vez mais profundo que vai levando consigo o registro. Uma vez estabilizado, deixa-se em liberdade aos registros de situação. Posteriormente se vai ascendendo até chegar ao nível do plano e sobrepassá-lo em uma proeminência convexa, cada vez mais “alta”. Uma vez estabilizado se deixa em liberdade aos registros de situação.

Ainda que na concavidade e na convexidade os fenômenos sejam igualmente externos ao plano, os registros e representações correspondem com a interioridade e a exterioridade do espaço interno.

As distintas formas sensoriais convergem transformadas na concavidade do espaço de representação; as distintas formas efetoras atuam transformadas desde a convexidade do espaço de representação.

Estou em uma concavidade. Ver tudo desde cima é bem distinto a vê-lo desde baixo.

É bom distinguir entre os estímulos que se recebem e os que se dão, as sensações perceptuais e as que geram efeitos. Isso acontece também na consciencia normal, as efetoras estão mais próximas dos limites do espaço de representação.

Quando se quer tomar algo, lança-se a imagem para fora do espaço de representação. Pelo fato de levar a imagem para o espaço externo, se está a ponto de sair. Enquanto que quando cada um se localiza na cenestesia, se está em um espaço mais interno, por isso fica mais difícil sair, se está muito longe do limite.

O que se explica em Psicologia IV da “película bicôncava” está relacionado com isso: “O eu pode se localizar na interioridade do espaço de representação porém nos limites táteis cinestésicos que dão noção do mundo externo e, opostamente, nos limites táteis cenestésicos que dão noção ao mundo interno. Em todo caso, podemos usar a figura de uma película bicôncava (como limite entre mundos) que se dilata ou contrai e com isso focaliza ou difunde o registro dos objetos externos e internos”.

Ou se toma a direção do convexo ou do côncavo, porém é pela configuração do espaço de representação que se começa a ter registro de fora e de dentro. Em realidade essa divisão não existe ou é tudo interno ou é tudo externo. O que marca as diferenças é essa biconvexidade. Toda atividade é realizada desde uma posição nessa lente que comunica com o mundo, pode ir até o mundo ou para dentro.

10º.- A forma de representação pessoal. A vida no espaço de representação e o espaço de representação na vida. Dado o plano horizontal, as representações evidenciam um limite. Elaboração da forma incluínte das representações e o limite.

Está o plano infinito no qual me apoio e o registro de mim. Agora incluo a ambos em uma forma (registro) que é cenestésica.

O ponto de olhar está fora e desde ali observo o plano e a mim mesmo e a separação de ambos.

É uma forma, um olhar, um registro cenestésico envolvente, que inclui a ambos, o plano e a mim. É um olhar que se localiza atrás de mim e me inclui.

A ênfase está colocada no limite que separa, mas também que comunica a ambos, minha interioridade e o mundo.

Na Disciplina me encontro com os *afazeres da vida* (em uma redução simbólica). É essa estrutura (do mundo externo e interno), essa estrutura era considerada por Platão como “ideia” que era o único “real”, por isso se considerou a tal visão como “realista”, era o realismo das ideias e não o “idealismo” como se pensa em uma primeira aproximação.

Posso levar muito em conta as limitações que tenho de perceber toda a realidade externa e é limitado o que posso atuar sobre ela. É finita essa possibilidade. O que trabalhamos aqui é a ênfase da observação do plano e de mim e do olhar que pode incluir a ambos.

O ponto de olhar está fora e desde ali observo o plano e a mim e a separação de ambos. A forma que inclui a ambos é cenestésica.

Na vida cotidiana estou me olhando e olho as coisas. Tenho um registro diferente de mim e das coisas. É um olhar incluínte que olha as duas “caras” e que vê a “realidade”, essa realidade é uma estrutura.

No passo 10 há um salto de perspectiva, uma mudança de olhar, incluínte. A realidade é uma: externa e interna. São espaços externos e internos (onde se dão os fenômenos internos) e se trata da comunicação dos espaços.

O que cada um faz no mundo e o que retorna, o que é ação válida e o que é contradição. Temos o registro do que fazemos graças ao circuito de retroalimentação, pela tomada de amostra. Isto se dá tanto em vigília como no sonho, nos sentidos internos e externos, no funcionamento da memória (registro de encaixe e desencaixe), na cenestesia e na cinestesia.

11º.- A forma pura. O tempo sem limite. O espaço sem limite. Os significados não representáveis. Entrada ao profundo.

Dada a forma incluída da representação e o limite, reconheço uma “distância” espacial que é a perspectiva desde a qual observo a representação e o limite porque se me ateno à representação e logo ao limite (e ao inverso), há sempre uma perspectiva que compara a retenção da representação com o limite (ou ao inverso) resultando a ilusão que a perspectiva é parte dessa representação ou desse limite. Portanto, reconheço uma perspectiva que atua copresentemente. Para sustentar essa “perspectiva” sem observá-la desde outro ponto (de maneira que não se converta em um novo objeto de um novo ato), isolo as percepções e as representações chegando ao “silêncio” dos sentidos externos e internos e ao “silêncio” de toda representação (atual, pretérita ou imaginária a futuro). Procedo em silêncio para obscurecer todo impulso ficando simplesmente o registro cenestésico que aprofundo para “atrás”, até o instante no qual se detém toda representação espacial e temporal. Entrei no “Profundo”.

Parte-se do passo 10 e se configura uma forma cenestésica cuja característica é que inclui o mundo, o registro de mim e o limite ou ponto de contato. É uma forma cenestésica incluída da representação e do limite e o ponto de vista se localiza mais atrás, de maneira que há uma distância espacial desde a qual observo a representação e o limite e uma perspectiva que atua copresentemente. Dessa perspectiva tenho um registro cenestésico ao qual atendo e com o qual fico, enquanto silencio as percepções e representações e vou junto com o registro atrás da cabeça, cada vez mais para dentro e mais profundo, deixando-me cair, sempre tendo copresente o Propósito de manter a suspensão dos impulsos.

Haverá que alcançar isso suavemente sem solução de continuidade.

Desde o Passo 11 se começa a trabalhar com o Propósito.

O Propósito responde à pergunta que é que quero alcançar com a Disciplina. Deve ter grande ressonância para cada um; algo que se deseje profundamente e que sinta que pode dar sentido a sua vida e quiçá mais além desta.

Este Propósito requer tempo para ser bem conformado e vai configurando um estilo de vida. O Propósito é pessoal e não há necessidade de comentá-lo.

O Propósito é trabalhado antes da rotina, e se baseia nos mecanismos de copresença e se solta automaticamente sempre que o tenhamos carregado afetivamente. Se trabalha anteriormente ao momento que tem que soltar. Tudo se mobiliza neste momento. Tem uma grande magia. É outra mecânica diferente da vontade. No momento presente não atua, atua no futuro quando coincide com a imagem que tenha colocado antes. Potencializa-se e se coloca em ato. A chave é a carga afetiva, tanto para a introjeção como para a projeção. O desejo importante de produzir um feito é o que produz esse feito. Enquanto haja mais necessidade, mais carga afetiva se move. O Propósito é a aspiração, a cota interna a alcançar.

12º.- Projeção da Forma Pura. Imediatamente os impulsos me colocam no “mundo” já que não posso manter o estar “no profundo” se minha atenção não está abocada nesse esforço. Verifico o paradoxo de manter a suspensão dos impulsos (coisa que me expulsa “do profundo”) ou, inversamente, a anulação da suspensão (que também me expulsa “do profundo”). Se em algum instante consegui a suspensão dos impulsos e exercitando essa prática tenho dilatado a suspensão, é porque eludi a presença da atenção confundida com o “eu”. Por tanto, se reconheço a intenção de manter a suspensão como operação central sem que me expulse desde “o profundo”, é porque dita intenção atua copresentemente como Propósito que projeto e introjeto. A forma pura é excludente do “eu” e do “mundo” e somente tenho posteriores traduções de seus significados.